

VOZES... ...INVISÍVEIS...

Relatos de
resistência LBT em
Campo Grande (MS)

MARINA DUARTE

VOZES... ...INVISÍVEIS

*Relatos de resistência LBT em
Campo Grande (MS)*

MARINA DUARTE

Marina Duarte
texto e arte

Fabio Quill
edição e consulta artística

Mayara Dempsey
produção e preparação de texto

Gabriely Magalhães
consulta e pesquisa preliminar

Guilherme Correia
análise de dados jornalísticos

Matias Rick
edição da audiodescrição

Fonte Usada:
Comic Neue Sans ID
(de Dominique Idiart)

@avuaedicoes
@marinailustrando









Campo Grande,
Mato Grosso do Sul



No coração do estado do
Pantanal, a capital guarda
um segredo, não tão secreto
assim:



seu intenso conservadorismo.

BRAZIL WAS
STOLEN

Em uma das cidades mais arborizadas do mundo,



aprendemos a dividir o cotidiano com os passarinhos



e também com o espectro político conservador, dominante desde a divisão dos estados durante a ditadura militar.

E as eleições em Campo Grande seguem marcadas por disputas entre vertentes conservadoras, com pouco espaço no debate público para as propostas mais progressistas.

Um dos desdobramentos dentro de uma cultura conservadora é o machismo estrutural.



Nas esferas legislativas, homens brancos predominam: nos últimos anos houve apenas uma vereadora na Câmara Municipal e duas deputadas na Assembleia Legislativa.

Em 2024, pela primeira vez, uma mulher foi eleita diretamente para a prefeitura. Antes disso, Adriane Lopes ocupou o cargo durante dois anos após o afastamento do prefeito eleito em 2022.



No segundo turno pela prefeitura, Adriane enfrentou Rose Modesto, disputando os votos de um eleitorado 36% cristão-evangélico.

Entre as fofocas nas redes sociais, destaca-se uma que reflete a cultura machista e homofóbica do cenário político: a “denúncia” de que Rose seria lésbica.

Rose, ao comentar o ocorrido, disse que seria um “ataque à sua honra” e uma tentativa de “manchar sua imagem com uma notícia criminosa para o eleitor conservador não aceitar”.



Isso não ocorre porque há excesso de escola e hospitais, pelo contrário, as filas para acessar esses serviços públicos crescem a cada dia.

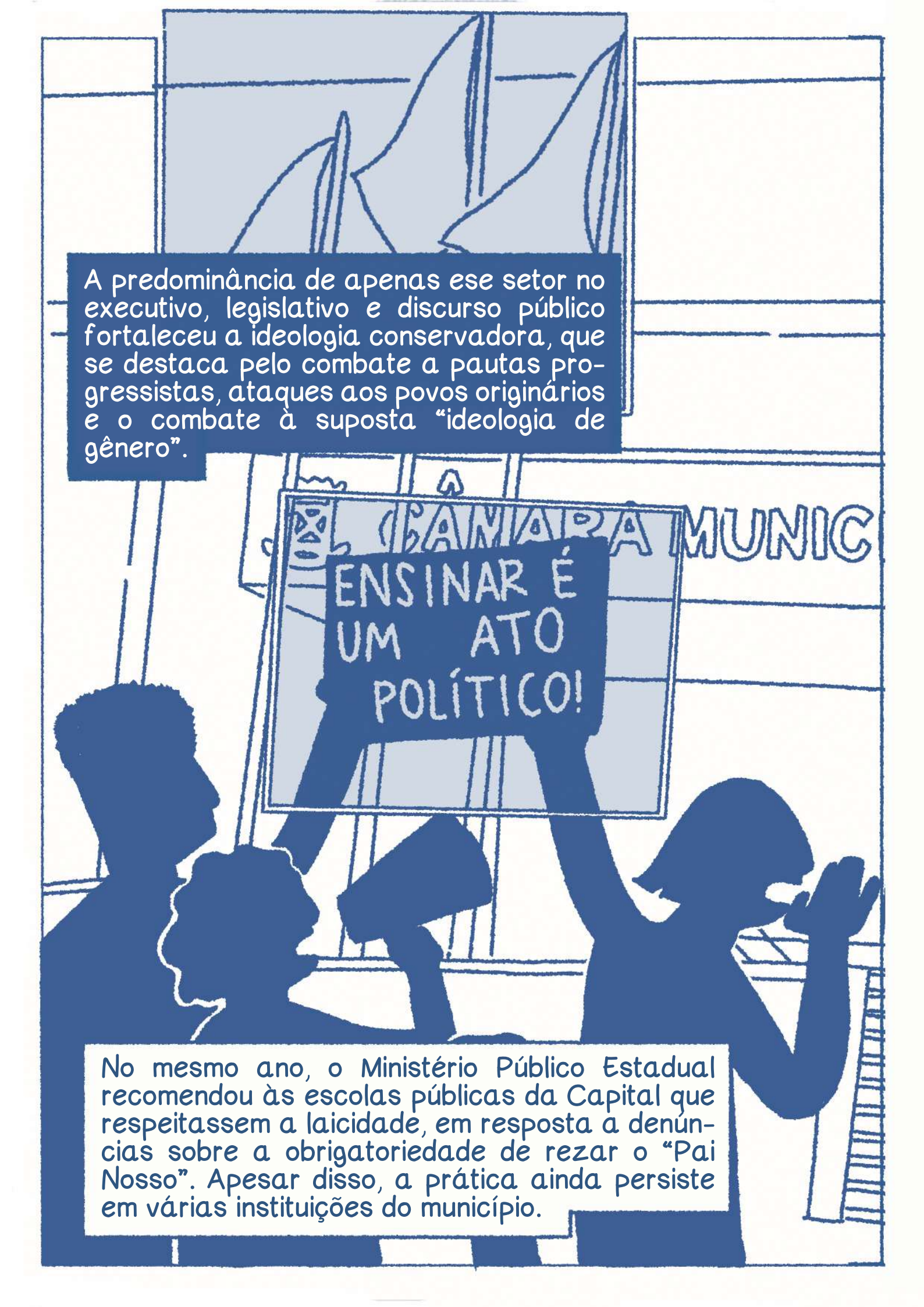
Muitas famílias precisam recorrer à justiça para garantir direitos básicos na educação e saúde.

GRANDEIMS
PRA JESUS 2022
É DEUS, PÁTRIA, FAMÍLIA E LIBERDADE!

Porém, os debates mais centrais para decidir uma eleição - e debates públicos em geral - são pautados pelos interesses dos setores agropecuário, empresarial/comercial e religioso.



- todos unidos pelo conservadorismo.



A predominância de apenas esse setor no executivo, legislativo e discurso público fortaleceu a ideologia conservadora, que se destaca pelo combate a pautas progressistas, ataques aos povos originários e o combate à suposta “ideologia de gênero”.

No mesmo ano, o Ministério Público Estadual recomendou às escolas públicas da Capital que respeitassem a laicidade, em resposta a denúncias sobre a obrigatoriedade de rezar o “Pai Nosso”. Apesar disso, a prática ainda persiste em várias instituições do município.

Em 2016, a Câmara Municipal, aprovou e logo revogou uma lei agenciada pelo programa Escola Sem Partido, resultado de esforços de seus fundadores e setores conservadores cristãos.

A pressão de professores da rede e de movimentos sociais levou ao veto do projeto de lei, cujo principal objetivo dos elaboradores era combater a educação sexual e a “ideologia de gênero” nas escolas,

embora prevalecesse o discurso ideológico-religioso naquelas instituições.



A oposição à educação sexual e ensino de gênero nas escolas é problemático não apenas por questões morais, mas principalmente pela violência enfrentada pelas mulheres e pela população LGBTQIAPN+ no Mato Grosso do Sul.

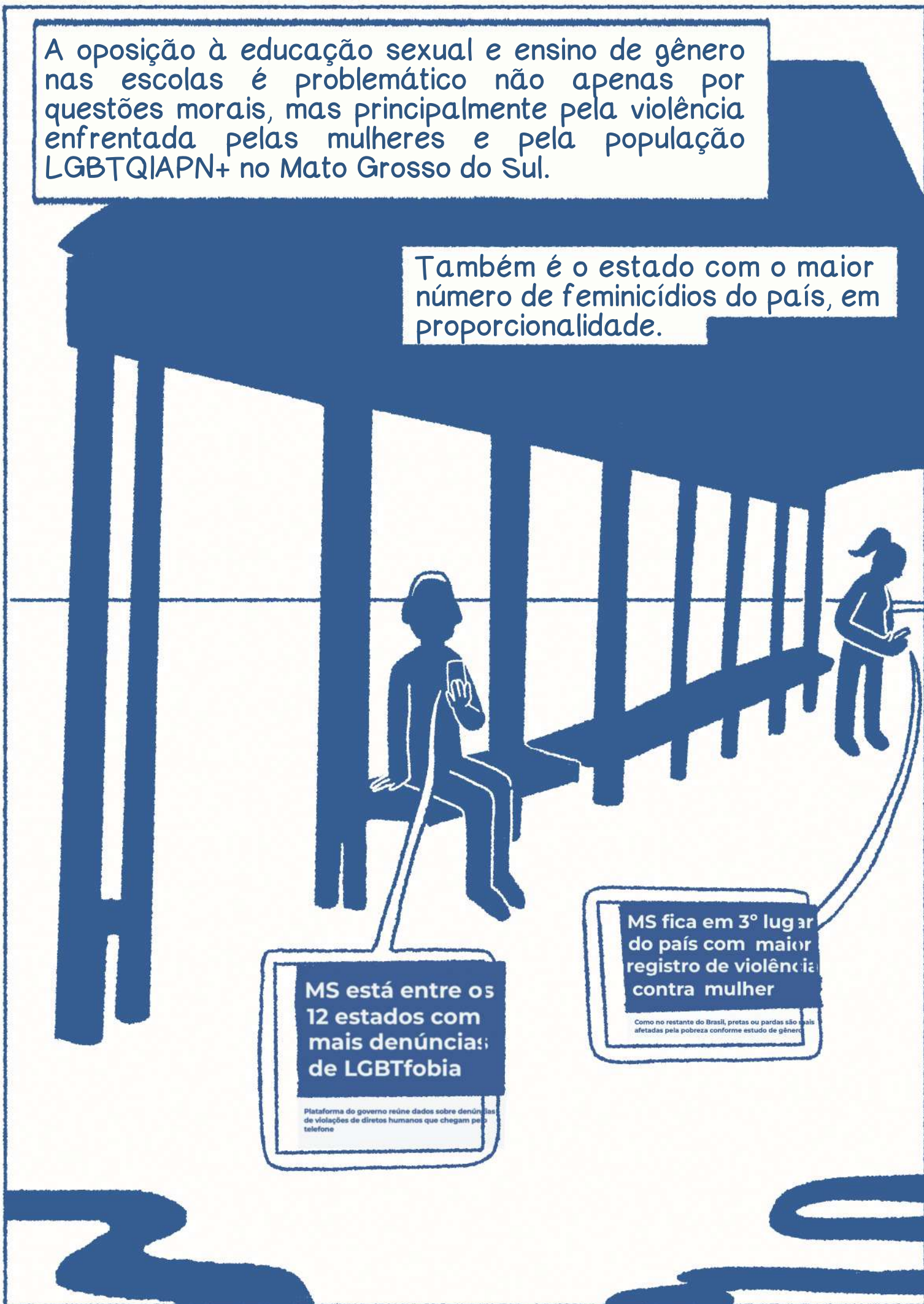
Também é o estado com o maior número de feminicídios do país, em proporcionalidade.

MS está entre os 12 estados com mais denúncias de LGBTfobia

Plataforma do governo reúne dados sobre denúncias de violações de direitos humanos que chegam pelo telefone

MS fica em 3º lugar do país com maior registro de violência contra mulher

Como no restante do Brasil, pretas ou pardas são as mais afetadas pela pobreza conforme estudo de gênero



O Mato Grosso do Sul liderou o ranking de assassinatos da população LGBTQIA+ em 2023.*

Tanto o feminicídio

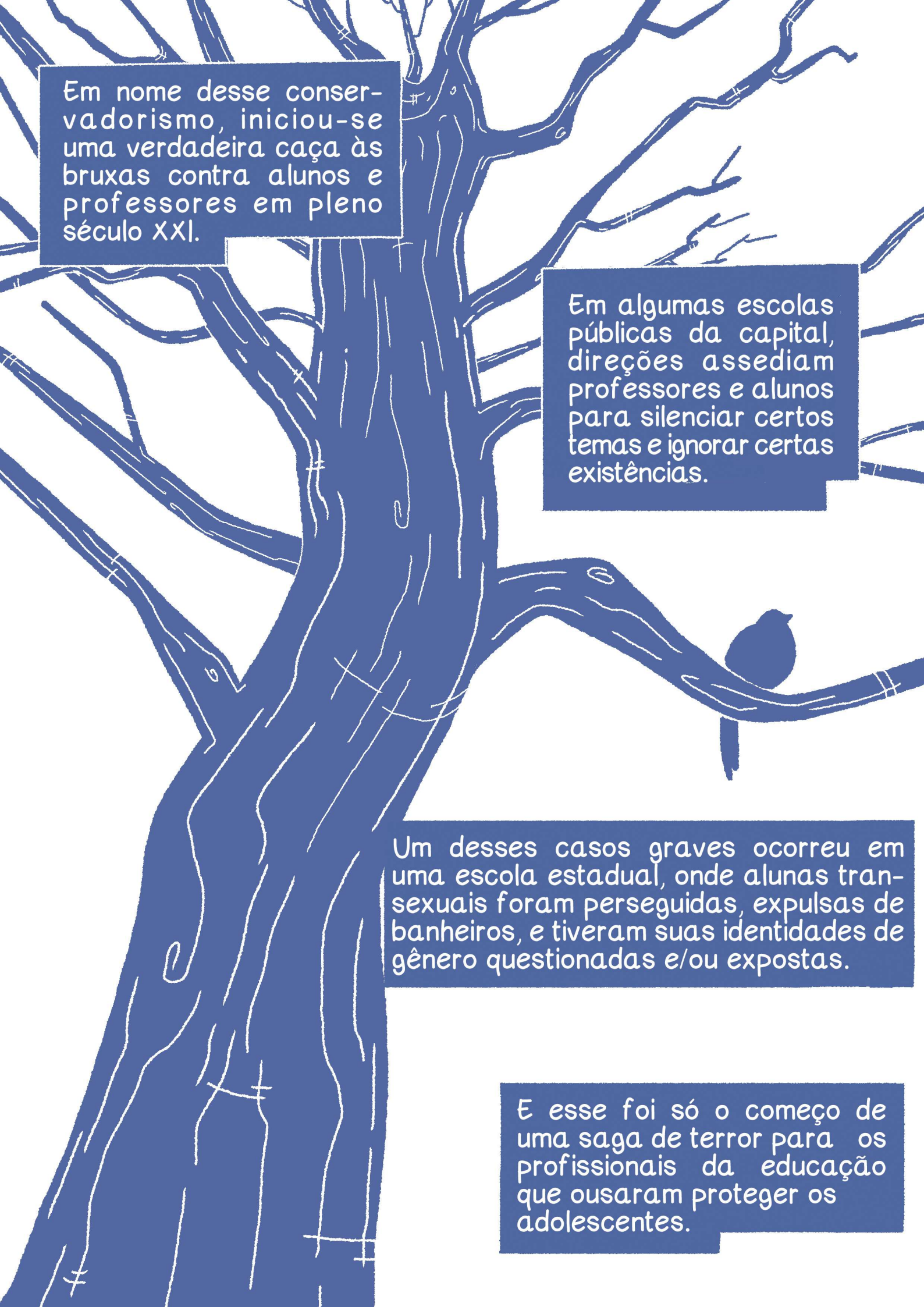
quanto o assassinato de pessoas LGBTQIAPN+

tem origem em conceitos culturais atrasados como o machismo e a LGBTfobia - que poderiam ser ressignificados e superados através do processo educacional.

Entretanto, há resistência devido ao fantasma da "ideologia de gênero", alimentado pelo radicalismo cristão-conservador que rejeita discussões sobre gênero e sexualidade, especialmente nas escolas.







Em nome desse conservadorismo, iniciou-se uma verdadeira caça às bruxas contra alunos e professores em pleno século XXI.

Em algumas escolas públicas da capital, direções assediam professores e alunos para silenciar certos temas e ignorar certas existências.

Um desses casos graves ocorreu em uma escola estadual, onde alunas transexuais foram perseguidas, expulsas de banheiros, e tiveram suas identidades de gênero questionadas e/ou expostas.

E esse foi só o começo de uma saga de terror para os profissionais da educação que ousaram proteger os adolescentes.



A defesa dos estudantes, a boa relação com os alunos e o fato de se assumirem membros da comunidade LGBTQIAPN+ teve como consequência sua demissão por “incentivar a homossexualidade”.

As questões de gênero e sexualidade sempre tiveram algum nível de perseguição, de enfrentamento, né?

Sempre.

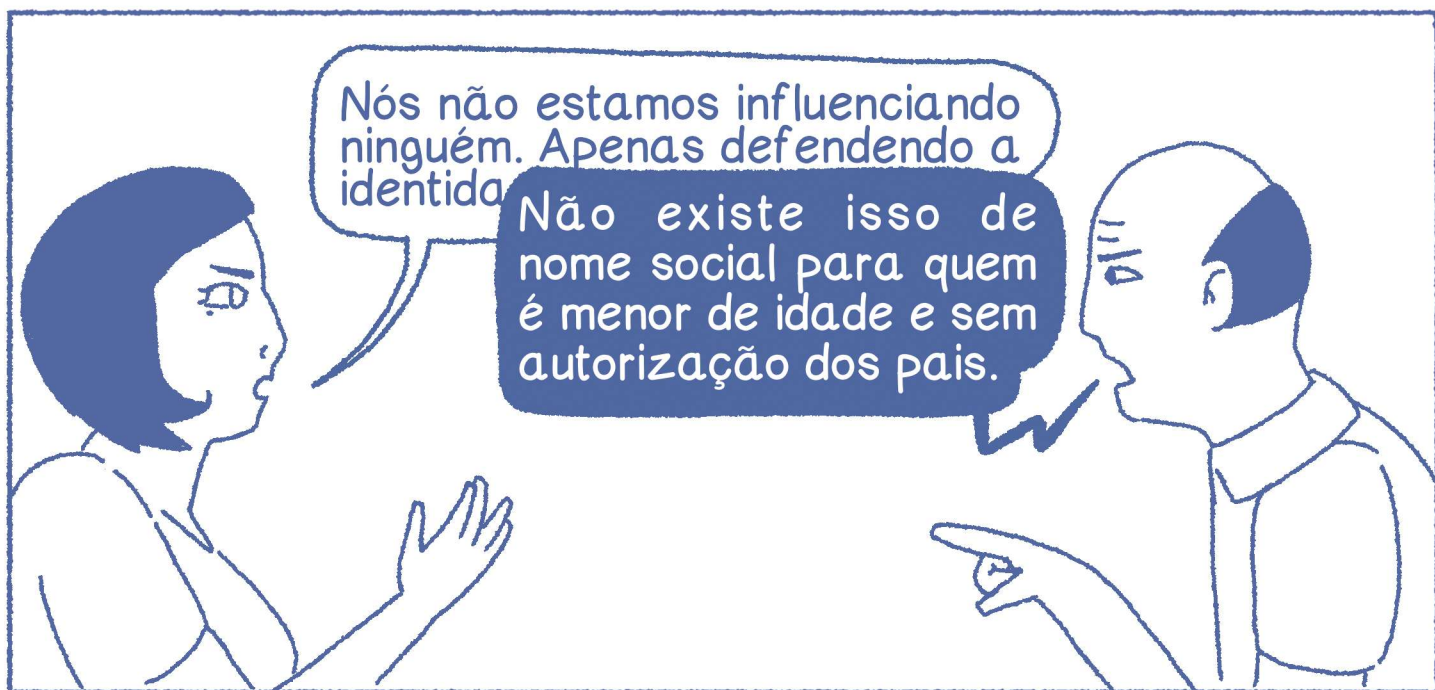
A gente já tava acostumado com isso.

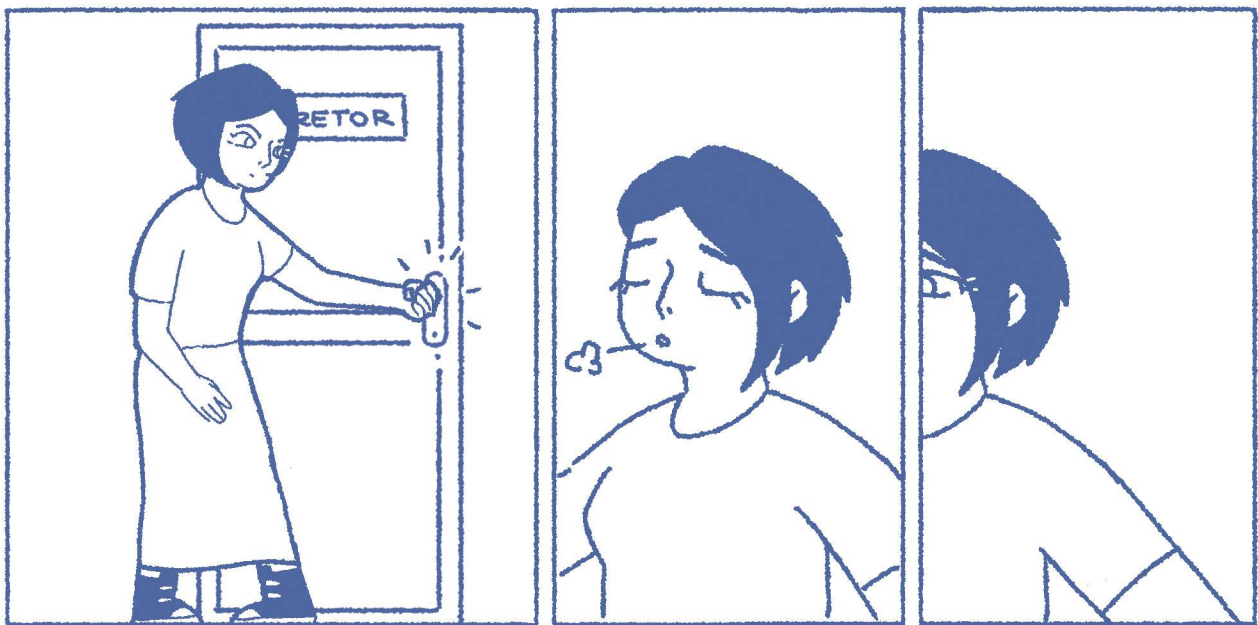
Começou muito sutil.

O primeiro embate foi quando eu e mais outro professor LGBT fomos chamados na direção da escola para sermos questionados, né?

DANIELE REHLING

LÉSBICA, FEMINISTA,
DOUTORA EM EDUCAÇÃO





Em outro dia, o diretor me chamou novamente, só que separada do outro professor.



Eu sempre ia colorida para a escola, nós éramos

bem purpurinados.

Um dos princípios das escolas de autoria é o protagonismo do estudante:

nós estávamos apenas sendo nós mesmos, exercendo o protagonismo sobre nossos corpos.

Alguns estudantes se identificavam com isso, queriam se sentir confortáveis também em ser quem eles eram.

Tudo bem ser colorido como você, professora?

Profe, eu também sou LGBT.

Não sou gay, nem quero ser.

Tivemos uma professora trans que foi mandada embora.

Tudo bem ser colorido assim, tudo bem também não querer ser.

Temos que conviver em paz e com respeito.

Professora

outro dia, um professor se recusou a me chamar pelo meu nome.

Mesmo estando retificado na chamada,

ele insiste em me chamar pelo meu nome morto.

Poxa, sinto muito por isso.

Vamos ver o que podemos fazer, tá?

Professora, isso está acontecendo com outras alunas também, do segundo ano...

Outros alunos estão tendo problemas com o uso do banheiro.





Aconteceram todas essas coisas e eu fiquei, obviamente, revoltada com tudo.

Resolvemos marcar um protesto na frente da escola, com ajuda do movimento estudantil.

|||agatha|||
|||gabriele|||...

EX - ALUNA DO LOCAL

Atenção

Ato de apoio
às alunas trans
e pelos banheiros
neutros ☺☺

Amanhã dep-
da aula ☺☺

A mãe de uma pessoa do grupo pegou o celular e foi contar para o diretor.

Bom dia, turma.
Estou passando
para dar um aviso
para vocês.

Hoje todos serão
liberados antes do
horário de saída.

Tenham uma
boa aula!



Alô? Ah, oi, diretor.

A Agatha o quê?

Então...

Chegou uma denúncia aqui de que sua filha está aliciando os colegas para protestarem aqui na frente da escola, senhor.

Como assim?

O senhor pode me falar o número dessa denúncia?

Eu tenho parentes na Secretaria de Educação e gostaria de consultar.

Bom... não tenho o número n-

O quê? Sei...

Como vocês botam as famílias na parede por causa de um protesto?

É direito deles reivindicarem isso!

Olha senhor

sua filha está defendendo uma professora que tem sérias denúncias na ficha. Dá uma olhada nisso.



Mas, no geral, assim...
as coisas eram muito absurdas lá, sabe?
Tipo, é cada coisa que a gente escutava,
cada coisa que a gente vivia...

Por exemplo,
nessa época, eu ainda não era
assumida como travesti...

Tipo, eu tinha certeza de que eu era.

Mas ali, como eu
tinha acabado de
mudar de escola,
eu não sabia se
eu ia ser bem
recebida.

Além de que preferia me
assumir antes pros meus pais.



Não é que tenha problema o seu professor ter algum tipo de contato com você.
Não é isso.

Eu e a Dani sempre tivemos contato, assim como ela também teve outra amiga minha.

A gente interagia, né? A escola até incentivava, porque até tinha um lance de tutoria, que aí você escolheria seu tutor de sala...

Então, tipo, não era uma obrigação, mas era meio que natural você cultivar um afeto, sabe?

Mas, enquanto de um lado alguns professores acolhiam, outros se aproveitavam do papel de tutores para fazer comentários desconfortáveis e até assediar alunas trans.



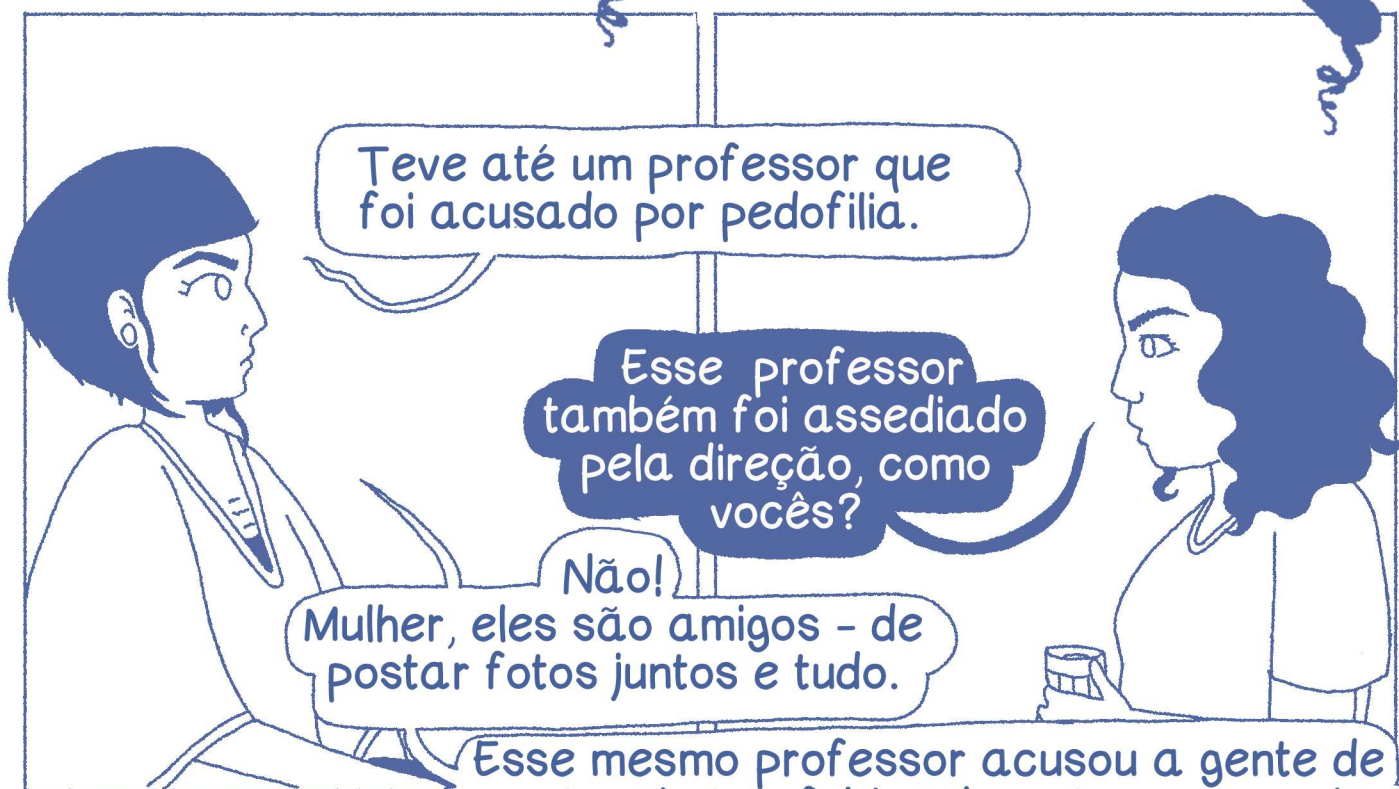
Teve até um professor que foi acusado por pedofilia.

Esse professor também foi assediado pela direção, como vocês?

Não!

Mulher, eles são amigos - de postar fotos juntos e tudo.

Esse mesmo professor acusou a gente de cometer "heterofobia" durante uma reunião.





Foi uma época muito difícil pra gente. Um dos meus colegas entrou em crise por conta disso tudo, teve que tirar licença psiquiátrica e tudo mais.

O diretor também falou, em reunião com a SED, em ideologia de gênero, né...

entre as denúncias contra mim, também estavam várias das denúncias anônimas que fizemos na época sobre toda a situação, estavam lá constando sem o sigilo.

Até eu fiz uma denúncia - que pedi para não me identificar - e a SED pediu para me apresentar.

Quê?
Sério?

Sério!

Eu assinalei aquele negócio na denúncia virtual de que eu não queria me identificar - mas fui chamada pra prestar esclarecimentos.

Uma conhecida minha que trabalha na SED me contou que nunca tinha visto uma coisa assim...

porque é uma situação complexa, tem todo um esquema de conexões envolvendo o diretor - que não é "pouca coisa".





Vocês já entraram com ação?



Ah, sim! já entramos!
O processo já está em andamento
com apoio das advogadas da
ONG Divação de Dourados.



Elas já entraram com
várias ações, né?

E pedindo indenização,
pedindo tudo que tem que pedir.

Agora a gente tá aguardando...

E a minha forma de lidar com isso
tem sido trabalhar com o tema.

Eu tô fazendo especialização
em gênero e diversidade, estu-
dando cada vez mais sobre,
trabalhando em dois projetos
sobre a comunidade LGBT+...



E para mim isso tem,
pelo menos,
dado um respiro,
para tapar o buraco do
trauma que foi
passar por tudo isso...



Gente, agradeço por dividirem essa história comigo...

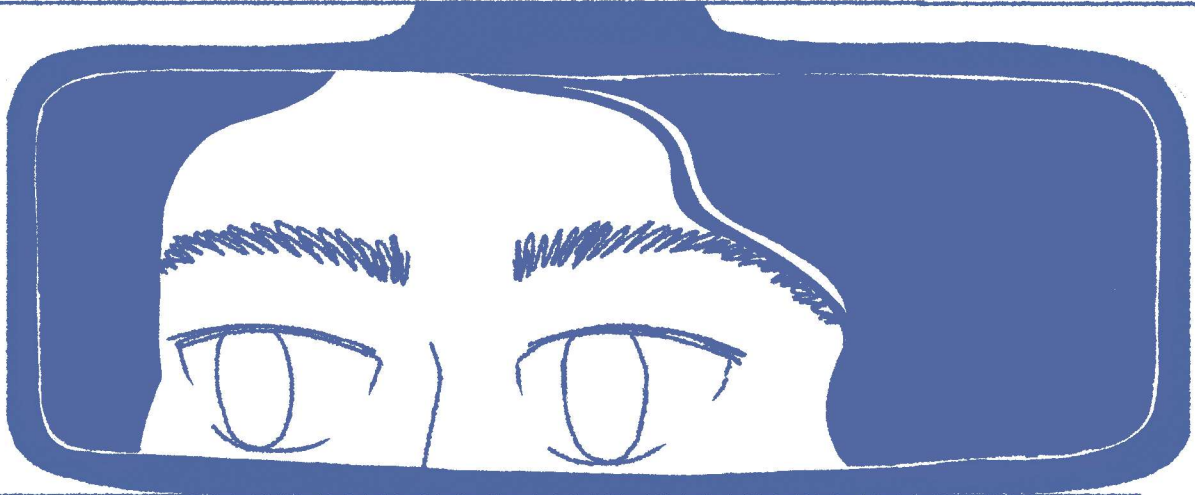
Entendo que é difícil acessar novamente tudo isso... obrigada mesmo.

Ficamos ali, conversando mais um pouco.



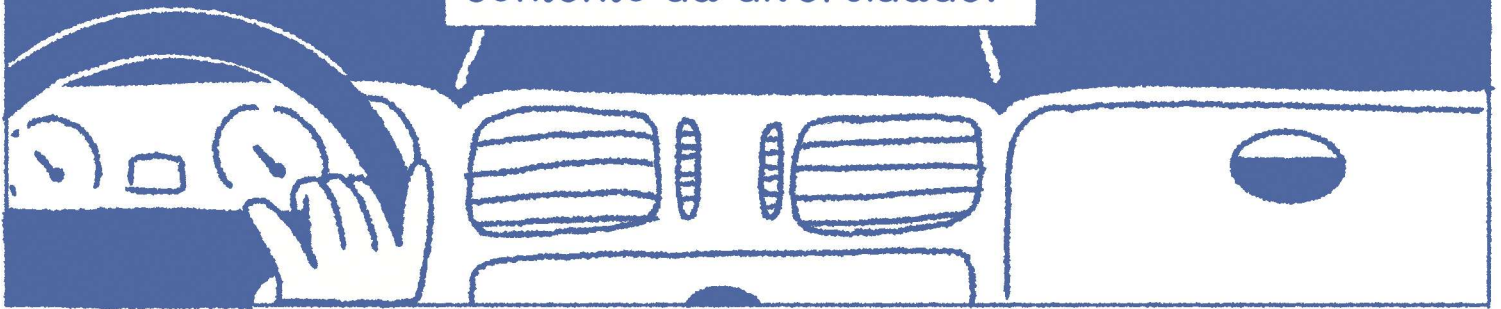
Eu ainda estava digerindo tudo que ouvi...

Eu sabia que a história poderia ser preocupante, mas não imaginava que teriam tantos desdobramentos tensos...

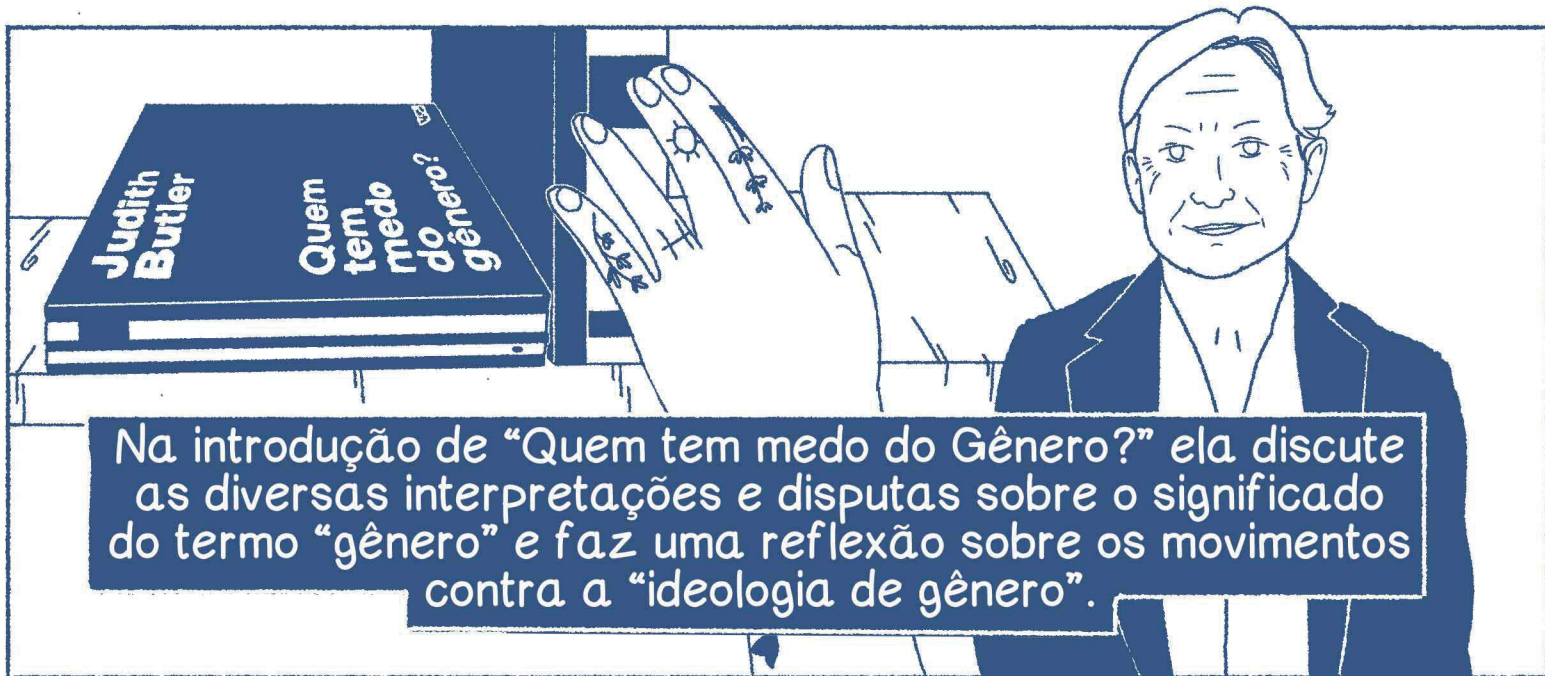


...e que teria que filtrar tanto para poder publicar.

Ao mesmo tempo, só conseguia pensar em como esse estado realmente é um lugar perigoso para se viver dentro do contexto da diversidade.



Mais uma vez, essa tal de "ideologia de gênero"... me vem Judith Butler na cabeça.



Na introdução de “Quem tem medo do Gênero?” ela discute as diversas interpretações e disputas sobre o significado do termo “gênero” e faz uma reflexão sobre os movimentos contra a “ideologia de gênero”.



O “movimento contra a ideologia de gênero”, no entanto, trata o gênero como um monólito, assustador em seu poder e alcance.

(...)

O mesmo ocorre no Brasil de Bolsonaro, sob a alegação de que o gênero põe em dúvida o caráter natural e normativo da heterossexualidade, e que, uma vez que a ordem heterossexual deixar de ser sólida, uma enxurrada de perversidades sexuais, incluindo zoofilia e pedofilia, tomará parte da terra.



Essa externalização dos males é apenas um exemplo de como o fantasma do gênero atua.

(...)

DE GÊNERO

Colocar o fantasma do gênero em circulação também é uma forma encontrada pelos poderes existentes - Estados, igrejas, movimentos políticos - para amedrontar as pessoas,



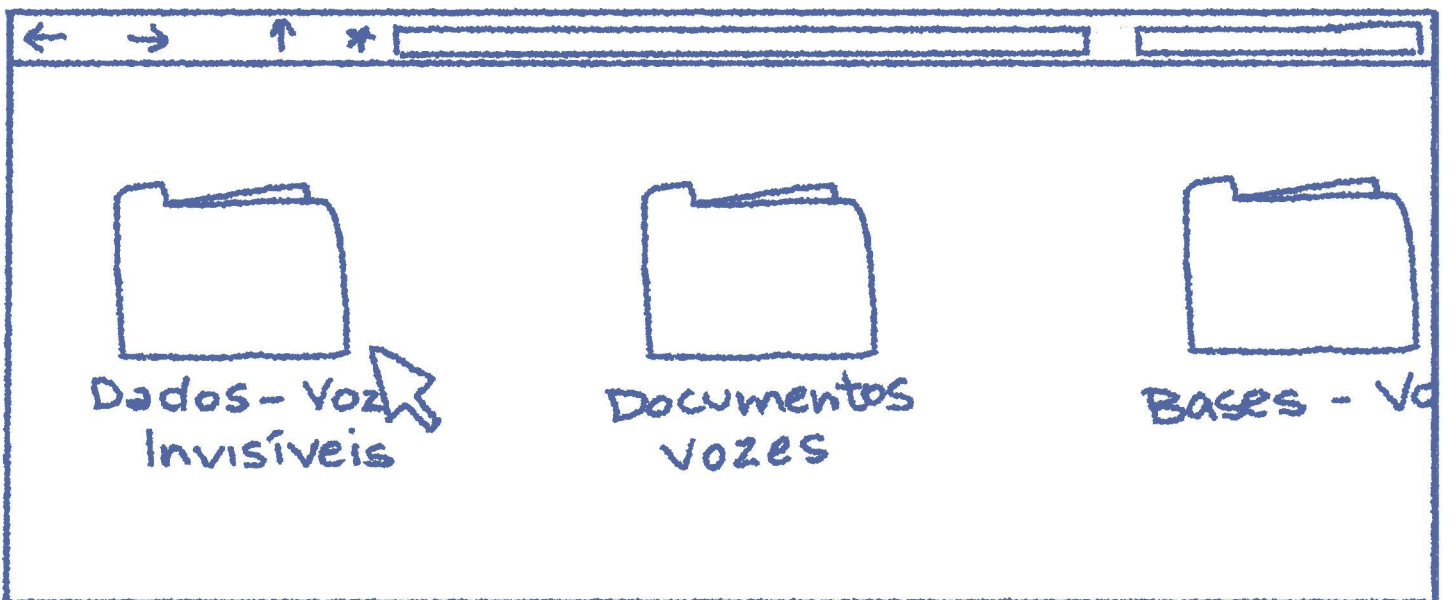
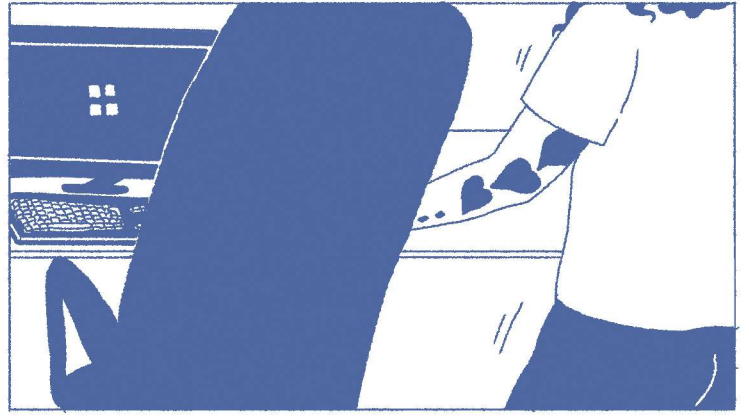
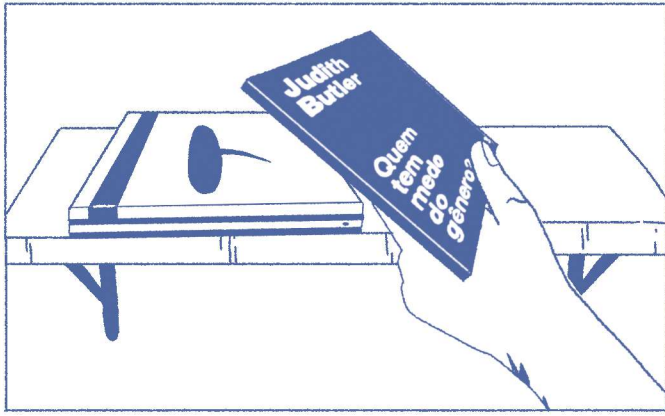
de modo que elas retornem às fileiras, aceitem a censura e externalizem seu medo e ódio contra comunidades vulneráveis.

(...)



Incitam esses medos, convenientemente insistindo, por assim dizer, que as pessoas identifiquem no “gênero” a verdadeira causa de seus sentimentos de ansiedade e apreensão em relação ao mundo.



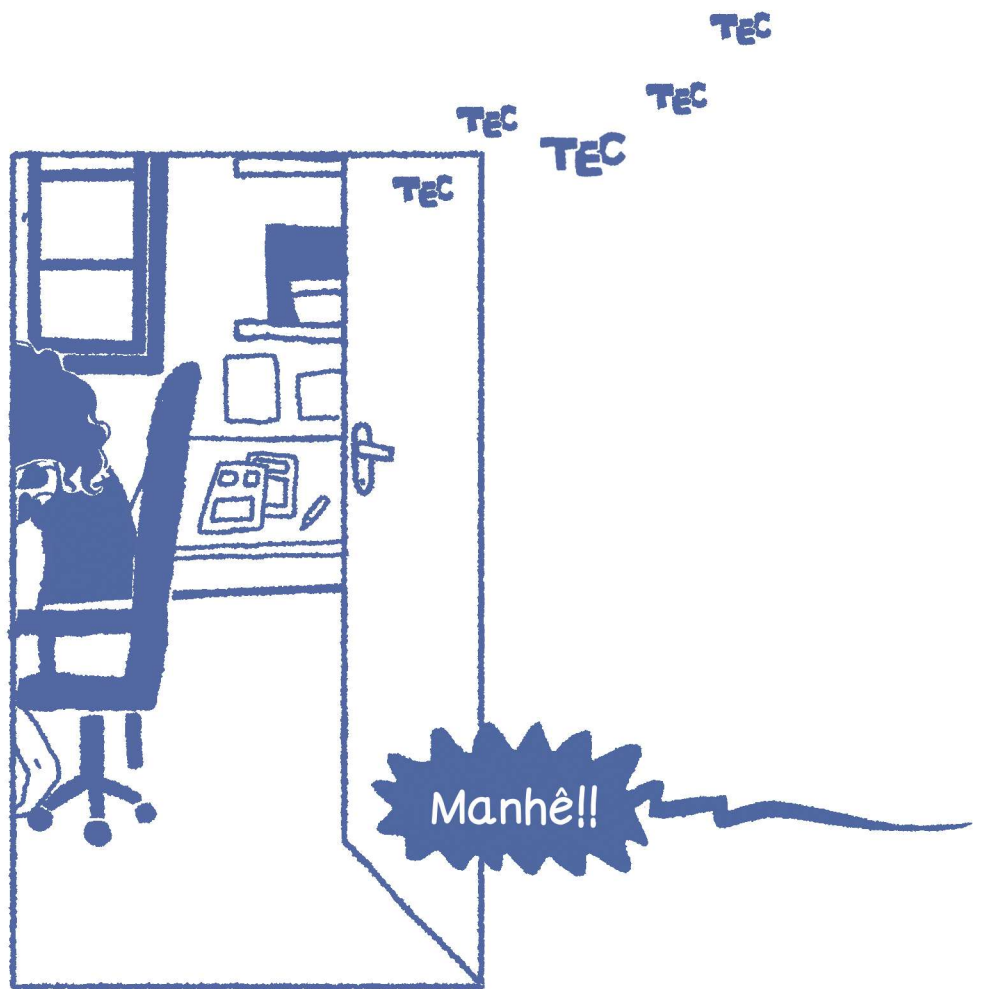


-CLIC-

-CLIC-



-CLIC-



Para buscar um diagnóstico, é necessário que nos apoiemos em registros científicos, jornalísticos, estatísticos...

para explicar os fenômenos sociais que buscamos compreender.



Fez parte da pesquisa buscar um entendimento sobre os processos que atravessam a população LGBT, como preconceito, violência e marginalização social.

No Brasil, a maioria dos dados oficiais e válidos sobre a sigla são levantados por ONGs, com casos de registros públicos mais recentes envolvendo a violência contra a população LGBT.

MS está entre os 12 estados com mais denúncias de LGBTfobia

Em 2023, Mato Grosso do Sul apresentou o maior número de mortes violentas contra a população LGBTQIAP+ do País, sendo a média de 3,26 casos registrados por milhão de habitantes. O dado faz parte do Observatório de Mortes e Violências LGBTI+, divulgado na tarde desta terça-feira (14).

Com 9 mortes em 2023, MS é estado mais violento para LGBTs no país, traz dossiê

Campo Grande aparece em 5º lugar entre cidades com registros de mortes violentas de pessoas LGBTQIAPN+

Boletins de ocorrência registrados em MS passam a indicar LGBTfobia

31/08/2022 23:31

Crimes de racismo contra LGBTQIA+, homofobia ou transfobia duplicaram em MS

Crimes de lesão dolosa contra a comunidade LGBTQIA+ também aumentaram no Estado, 47%

E desde o início da coleta de dados esbarramos com a realidade de Mato Grosso do Sul e, especificamente, de Campo Grande:

A escassez de dados locais, principalmente qualitativos. E mesmo com a subnotificação, o estado figura como o mais violento nas pesquisas.

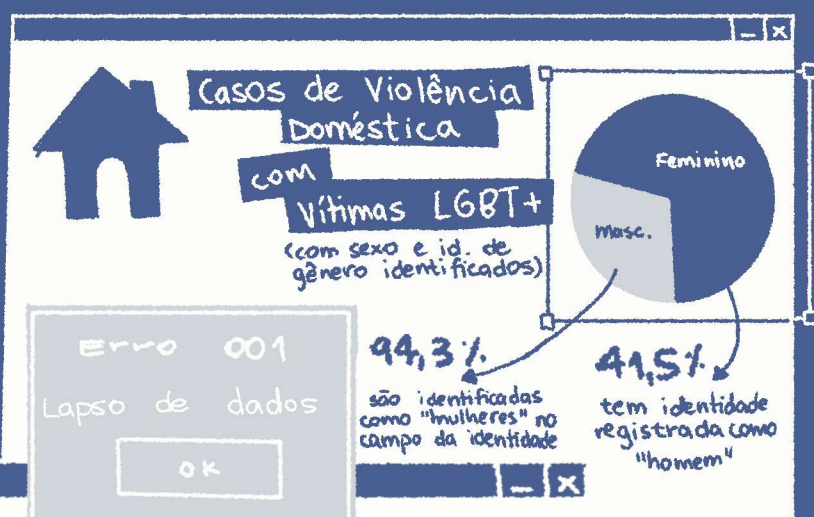
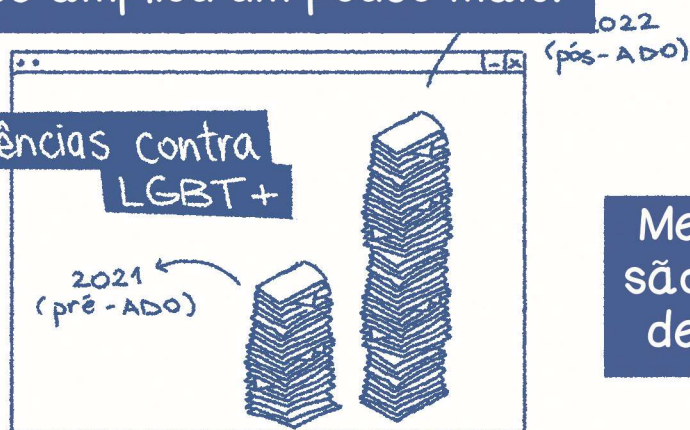


No entanto, desde a decisão do STF na Ação Direta de Inconstitucionalidade por Omissão (ADO) nº 26, em 2019, que dá nome ao crime de LGBTfobia e o torna análogo ao crime de racismo, a possibilidade de levantamento de dados se ampliou um pouco mais.

Aqui no Mato Grosso do Sul, a Secretaria de Justiça e Segurança Pública efetua, desde então, um trabalho de levantamento dos dados a partir do novo recorte.

Mesmo assim, alguns desafios são enfrentados, como a falta de abordagem apropriada na questão de gênero.

Por exemplo: nos dados apresentados pela Secretaria, os registros utilizam campos de sexo e identidade de gênero para identificar as vítimas, mas frequentemente há falhas em preencher um desses campos. Além de resultar em informações que reforçam o sexo biológico de pessoas com identidades de gênero.



Crimes de Ameaça com Vítimas LGBTQ+

ausência de identidades não-binárias

o que seria sexo ou gênero não identificado?

Rótulos de Linha	AMEAÇA
Homem	210
Mulher	241
N/I	10 ?
Outros	88 ?
Transexual	31
Travesti	9

Erro 002
Dados confusos

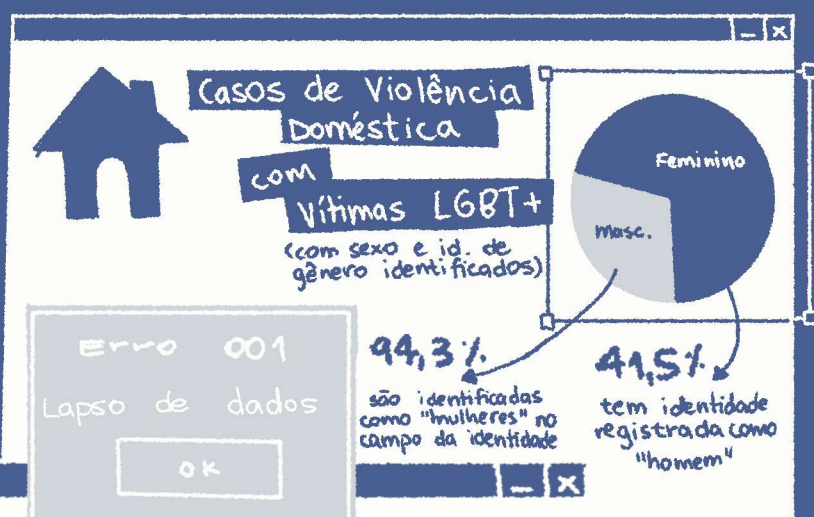
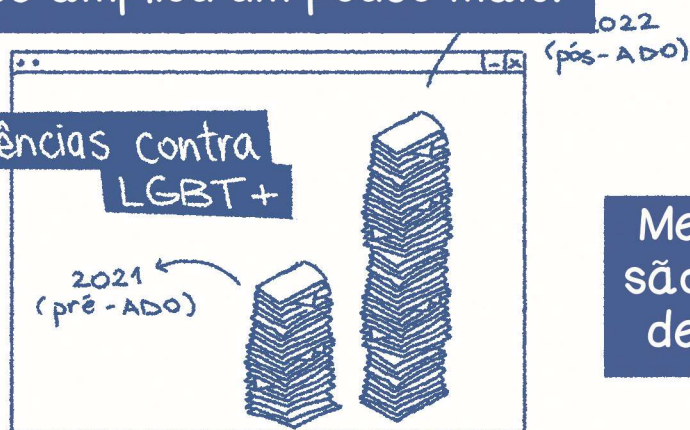
Dentro do recorte que recebemos, não há dados sobre um possível perfil dos agressores, mas há predominância de vítimas femininas em Campo Grande.

No entanto, desde a decisão do STF na Ação Direta de Inconstitucionalidade por Omissão (ADO) nº 26, em 2019, que dá nome ao crime de LGBTfobia e o torna análogo ao crime de racismo, a possibilidade de levantamento de dados se ampliou um pouco mais.

Aqui no Mato Grosso do Sul, a Secretaria de Justiça e Segurança Pública efetua, desde então, um trabalho de levantamento dos dados a partir do novo recorte.

Mesmo assim, alguns desafios são enfrentados, como a falta de abordagem apropriada na questão de gênero.

Por exemplo: nos dados apresentados pela Secretaria, os registros utilizam campos de sexo e identidade de gênero para identificar as vítimas, mas frequentemente há falhas em preencher um desses campos. Além de resultar em informações que reforçam o sexo biológico de pessoas com identidades de gênero.



Crimes de Ameaça com Vítimas LGBTQ+

ausência de identidades não-binárias

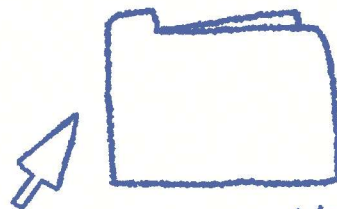
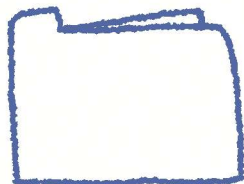
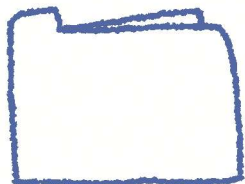
o que seria sexo ou gênero não identificado?

Rótulos de Linha	AMEAÇA
Homem	210
Mulher	241
N/I	10 ?
Outros	88 ?
Transexual	31
Travesti	9

Erro 002
Dados confusos

Dentro do recorte que recebemos, não há dados sobre um possível perfil dos agressores, mas há predominância de vítimas femininas em Campo Grande.

Mesmo levando em consideração que são poucos anos de levantamento, ainda há um longo caminho para compreender plenamente o fenômeno do preconceito e da violência contra a população LGBT de Campo Grande.



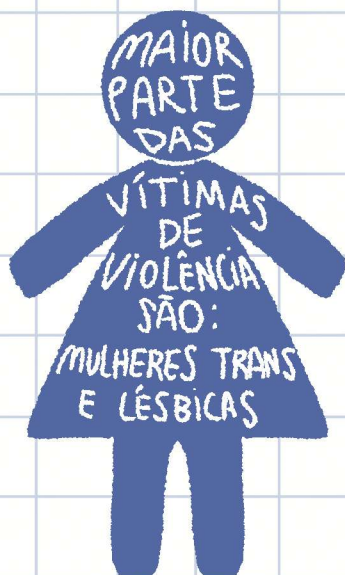
Clipagem - Voz

De qualquer forma, nos apoiando no que temos, é notável que as mulheres cis e trans estão em ainda mais desvantagem dentro desse cenário.

LBTfobia em Campo Grande

*segundo os registros jornalísticos

Em busca de compreender a cultura e o comportamento por trás dos dados de violência, analisamos as notícias sobre a população LBT.



* dentro dos casos em que há registro

Analisando o levantamento de dois sites de notícias da capital, com abordagens políticas distintas, observamos alguns padrões nas reportagens sobre mulheres lésbicas e trans.

Não à toa, MS é um dos poucos estados que possuem conselhos de direitos LGBTQ+. Afinal, há muito trabalho a ser feito para promover o apoio à diversidade, tanto no discurso quanto nos espaços públicos.



81% dos estados brasileiros não possuem conselhos, secretarias ou outras instituições dentro do poder público que abordem a pauta e prestam apoio a essa população.

Alá. Podemos marcar
uma entrevista? O en-
dereço é o do Google? ✓✓

Boa tarde! Com certeza.
O endereço é outro, vou te
encaminhar. ✓✓

Amanhã pela manhã? ✓✓

Combinado.
Até amanhã. ✓✓

No âmbito estadual, temos a Subsecretaria LGBTQIA+, que é a Subsecretaria de Políticas Públicas LGBT do Estado de Mato Grosso do Sul - ligada à Secretaria de Estado da Cidadania (SEC).



Mas, afinal, qual a diferença que um órgão como a Sub-secretaria LGBTQIA+ poderia fazer na construção de uma mudança cultural na cidade e no estado?



Algo pode ser feito sobre a LGBTfobia nas escolas e sobre os dados de violência?



Eu já fui inclusive fazer uma qualificação numa escola que estava tendo muitos casos de racismo e de LGBTQIA+fobia, né? A gente tá retomando esse trabalho para a gente poder acessar essas escolas, já que a demanda é grande.

Só que toda vez que a gente tenta ir para a escola é uma batalha, é uma luta absurda. Deputado, Vereador... Enfim...

Pessoas dizendo que nós estamos querendo plantar na escola a ideologia de gênero.

**TETÊ
COSTA**

COORDENADORA DA
SUBSECRETARIA LGBT+

E assim... a ideologia de gênero JÁ está implantada nas escolas.

E aí você pode me perguntar: como assim? já está implantada? como isso?

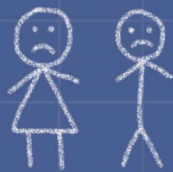
Eu te digo:

Se só é aceita a heteronormatividade; se vocês só aceitam crianças, adolescentes e adultos que estão de acordo com aquilo que alguns pensam...



meninas = rosa
meninos = azul

então a ideologia de gênero já está implantada nas escolas e na sociedade.



you are a boy
you are a girl



homem

homem



lobisomem*



mulher

mulher



jacaré*

E ela se chama heterossexualidade compulsória. É isso que tá implantado na cultura até hoje.



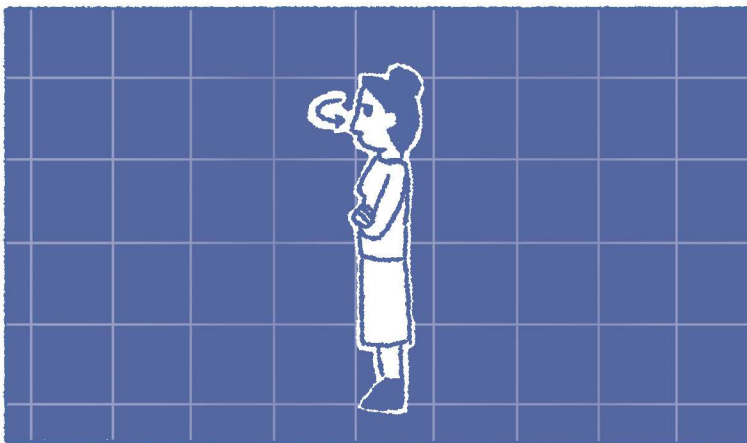
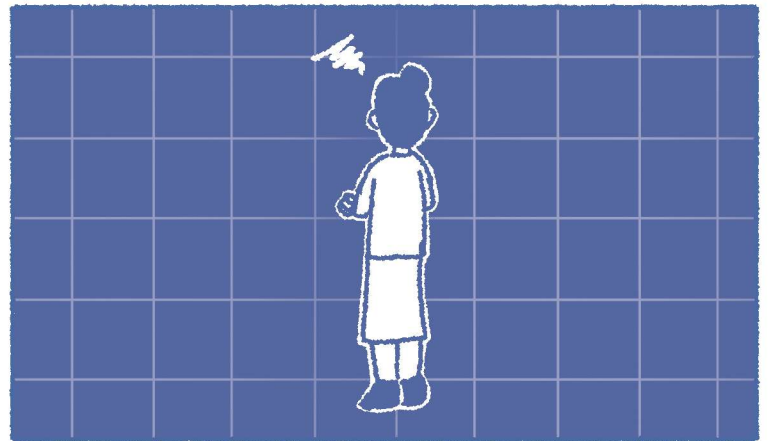
Essas informações de conscientização, disseminadas pela subsecretaria, também são encaminhadas às direções das escolas?

Também.
Pra todo mundo.

Professores, coordenadores pedagógicos, diretores, só que a gente não obriga a nada, claro.

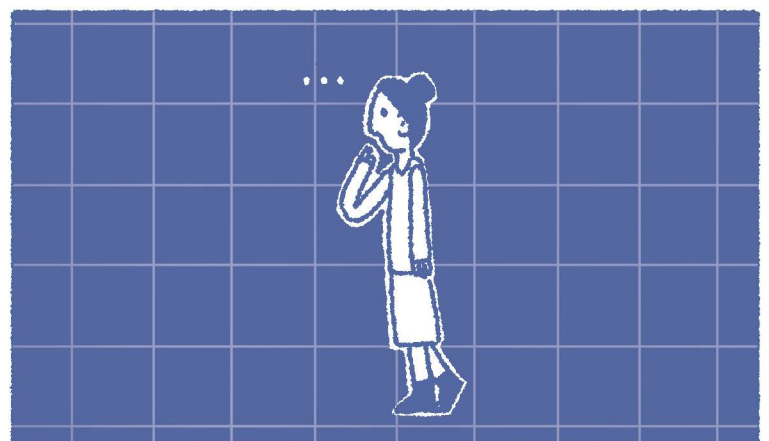
E aí fica na mão da gestão.

Eu fui numa formação, por exemplo, que uma coordenadora ficou de costas o tempo inteiro para mim.



Mas eu já saí de lá feliz, porque, quando eu estava chegando ao final da minha fala, ela já estava de lado, me olhando de rabo de olho.

Por quê? Porque começou a fazer sentido alguma coisa. Eu senti que alguma coisa mexeu lá dentro dela...



Na forma como eu faço essa fala, já busco que elas se interessem pelo assunto.

Até porque eu acredito que não adianta você ficar no conceito técnico, você tem que aprofundar um pouco mais né?



TECLA SAP*

* RECURSO DE TRADUÇÃO



E aí que a educação é uma área formada, em sua grande maioria, por mulheres.

Então acho importante mostrar como a LGBTfobia está ligada com o ódio contra as mulheres.



Por exemplo, a definição de mulher lésbica é que ela sente atração afetiva, emocional e sexual por outra mulher - de maneira exclusiva. Essa identidade se desvia do papel social tradicional atribuído às mulheres, pois essa mulher afasta o homem de seu afeto.

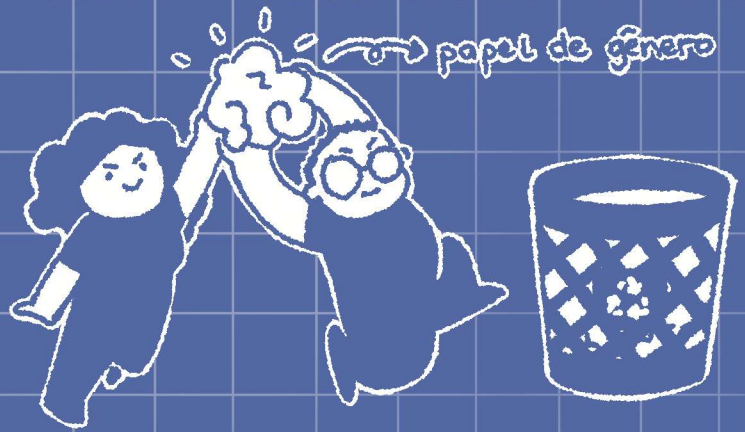
Por outro lado, o homem gay também não corresponde com a masculinidade tradicional e, ao se relacionar afetiva e sexualmente com outro homem, é colocado em uma posição que simbolicamente aproxima-se da mulher.



As travestis e mulheres trans desafiam diretamente a identidade masculina ao adotarem uma expressão de gênero feminina. Uma afronta direta aos valores mantidos em relação ao gênero.



E aí se você for pegar todas as outras letras tem uma particularidade a ver com a mulher então nós estamos discutindo aqui o papel social da mulher: afinal, qual é o papel social da mulher?



Somos seres de segunda categoria? A mulher seria um ser inferior que teria apenas que reproduzir a espécie, cuidar da prole, cuidar da casa e mais tudo aquilo que a gente ouve falar?

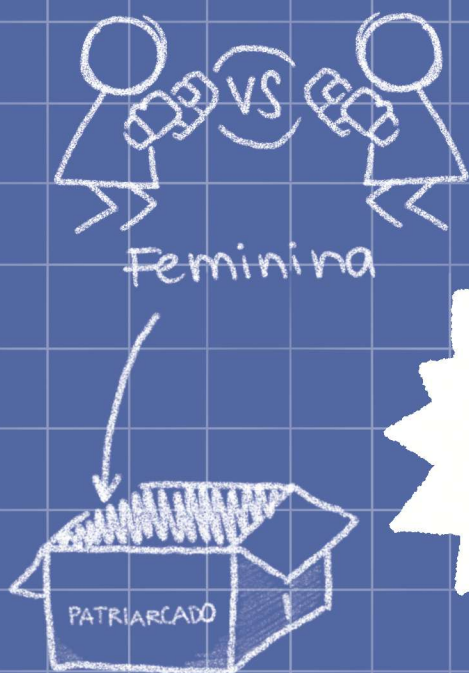
Se aquela mulher da rede de educação já viveu em algum momento uma situação dessas, já sofreu machismo ou ouviu algo parecido, ela pensa: 'epa, pera aí', se identifica e escuta.

Com essa história de ideologia de gênero, eu percebo que tentam colocar as mulheres contra a população LGBTQIA+ né? Sendo que faz muito mais sentido estarmos todas unidas e fortalecidas.

Esse ódio contra a população LGBT, esse discurso que nos coloca em oposição à religião, acaba gerando divisões. Também afasta cada vez mais o discurso feminista das mulheres, porque, se você não pode falar de gênero, não poderá debater sua existência enquanto mulher.

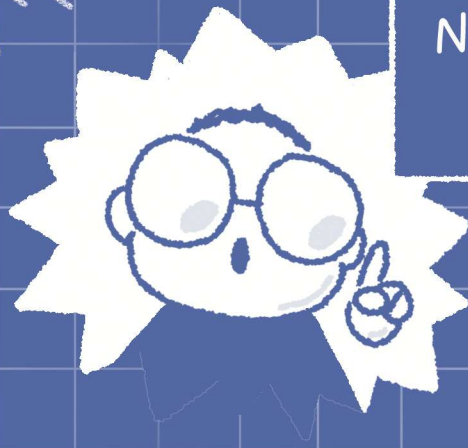


RIVALIDADE



E aí, fica um grupo oprimido contra o outro - e isso é histórico. "Ah, mas as próprias mulheres são contra mulheres", né?

Nós somos produto de uma sociedade patriarcal e machista.



Esses debates são importantes porque a nossa luta é para transformar as políticas públicas LGBTQIA+ em uma política de estado e não de governo.

Senão, toda vez vamos ficar na dependência de o gestor ser sensível ou não à temática para conseguir realizar as ações... E estamos no MS, o primeiro e único estado da federação a ter uma subsecretaria de políticas públicas LGBTQIA+.



Mas isso também reflete nossa grande necessidade, já que Mato Grosso do Sul é proporcionalmente o estado com mais assassinatos da população LGBTQIA+.

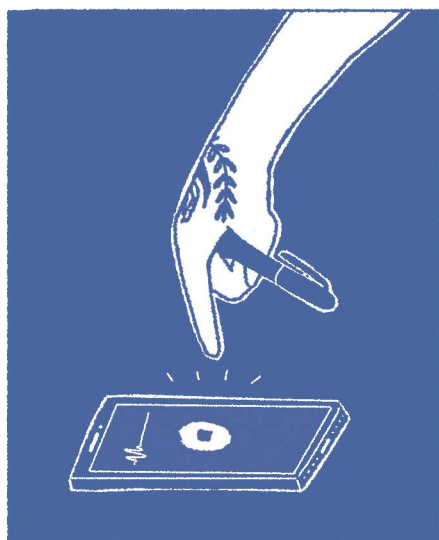
Sobre os dados: sabemos que alguns contestam esses dados como “não oficiais”, querendo dizer que não são reais. Isso é verdade?

Então, nós não temos dados governamentais, mas quando uma associação realiza uma pesquisa, ela conta com pesquisadores qualificados para isso. Se essa pesquisa profissional traz dados, eles podem ser considerados oficiais, sim.

Como muitas das organizações que efetuam as pesquisas são de defesa dos direitos LGBTQIA+, já que não há iniciativa governamental, querem alegar que dados são inventados. Mas é isso de querer atacar todo o custo.

E é uma forma também de deslegitimar os nossos dados. E tá acontecendo muito isso, né?

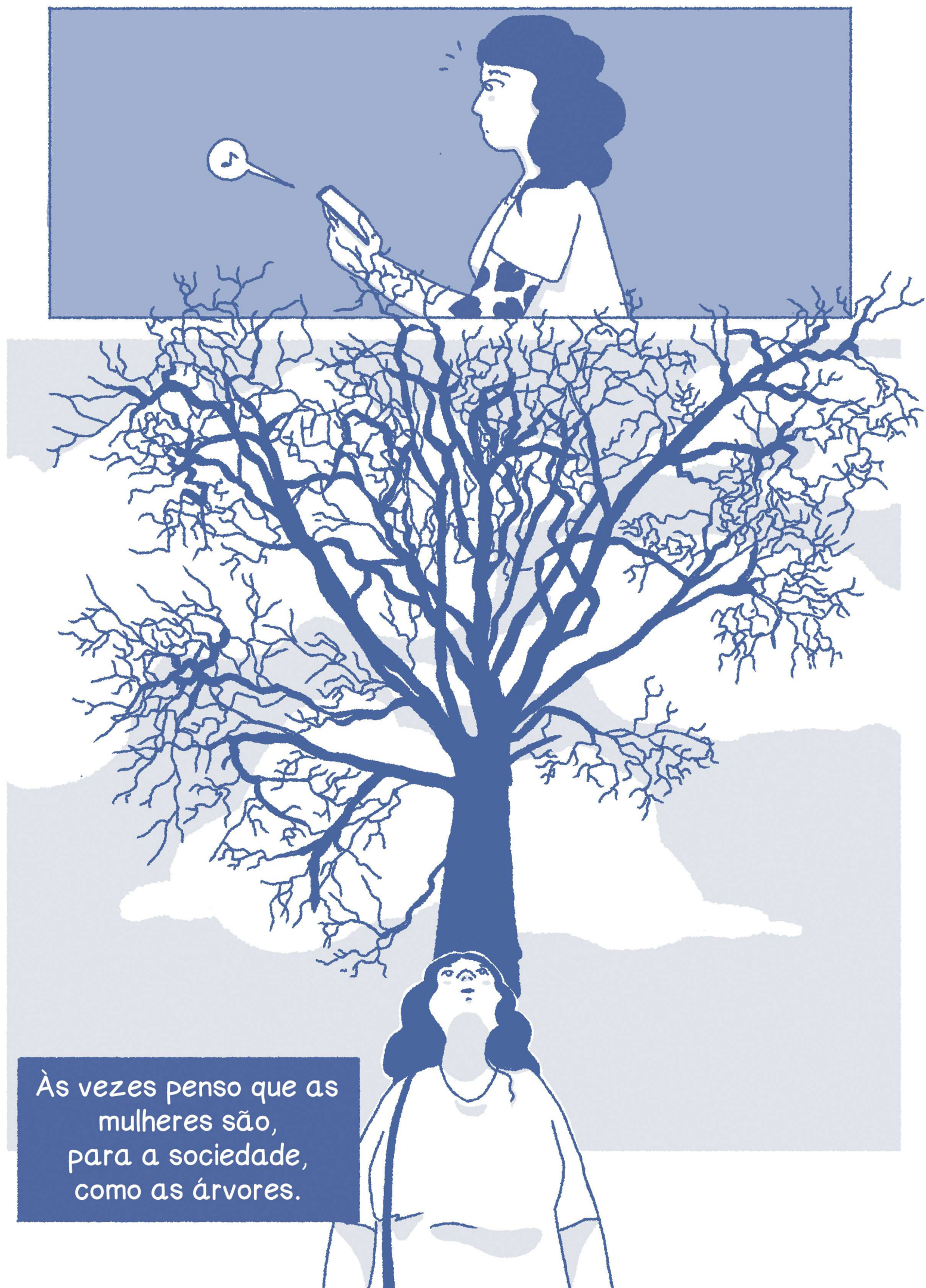
Se você buscar quem compõe essa equipe de pesquisa, verá que são experts das universidades, pertencentes a núcleos especializados na temática. E, então, eles passam a mudar os vilões: agora, são as universidades. Mas, no fundo, o que motiva essa perseguição é a LGBTfobia.



Tetê, muito obrigada mesmo, viu?

Eu que agradeço. Fomos longe, foi ótimo!

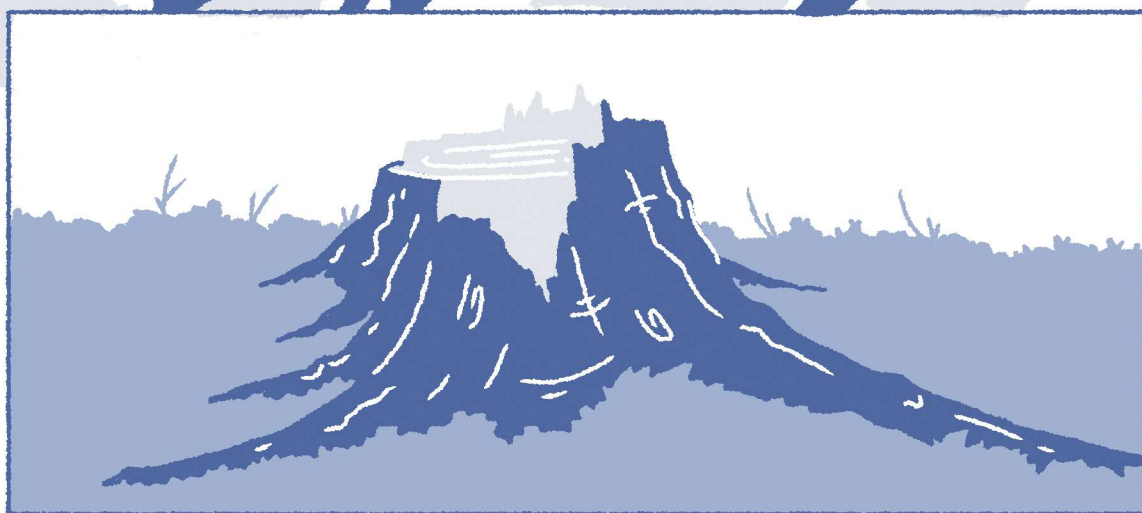




Às vezes penso que as
mulheres são,
para a sociedade,
como as árvores.

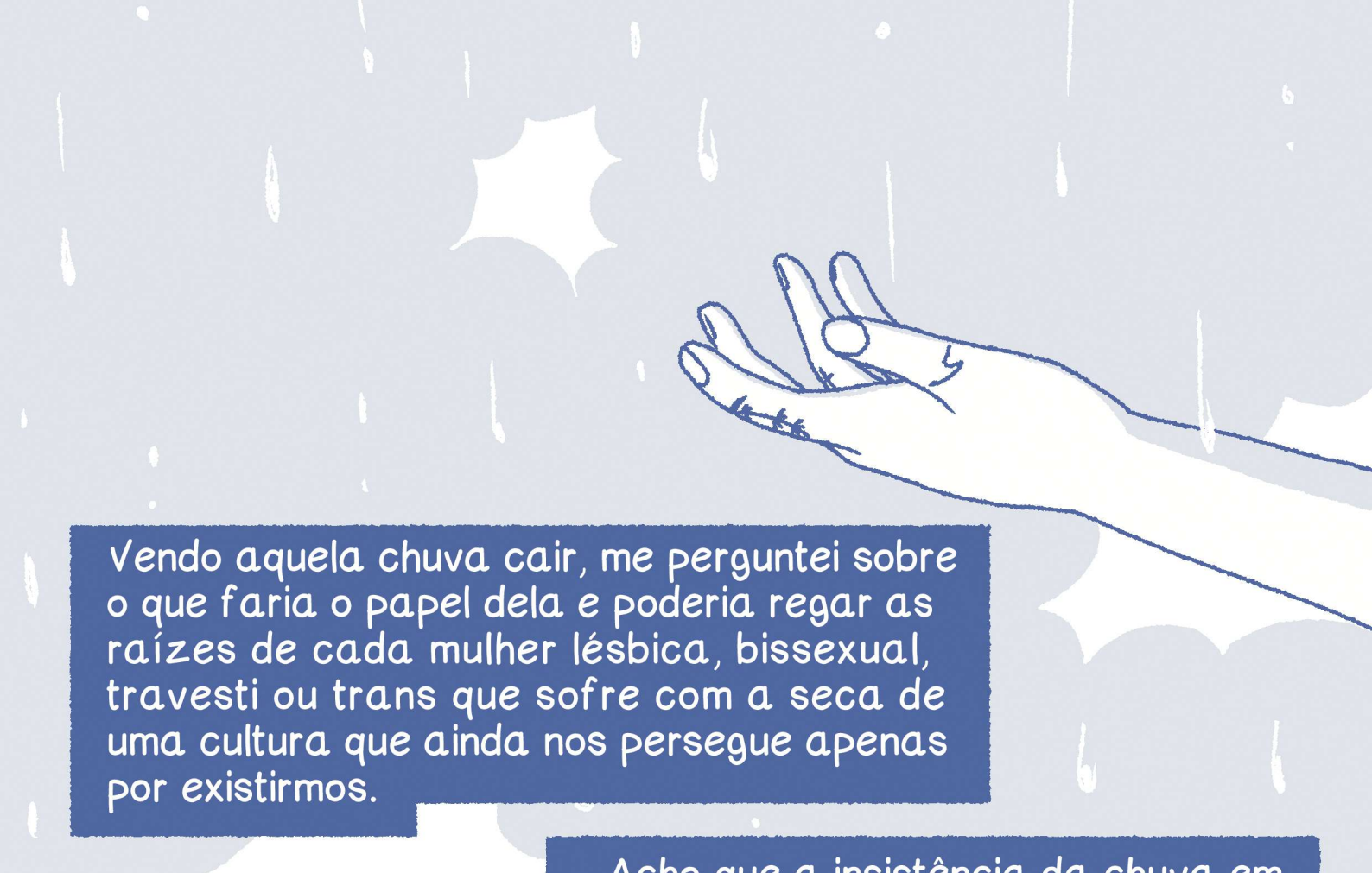
Parece que ninguém consegue
ou quer ouvi-las, suas vozes
são invisíveis aos desavisados
que preferem ignorar suas
demandas.

Ao mesmo tempo, são
imprescindíveis para o
funcionamento do mundo.

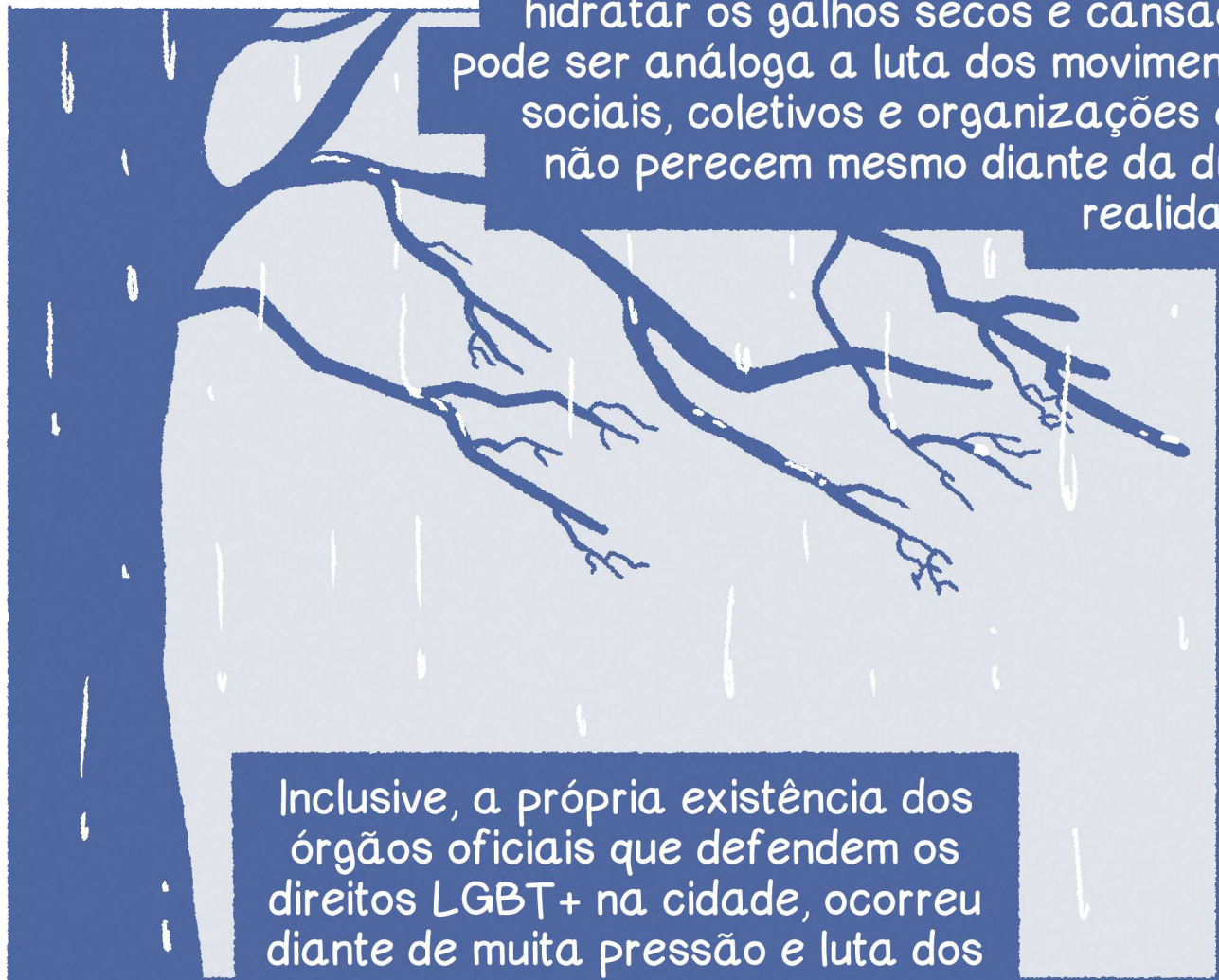


Assim como nós, mulheres - dentro das diversas
possibilidades de ser mulher - somos imprescindíveis
para que o mundo funcione. Apesar disso, como as
árvores, temos nossos gritos abafados, nossos
problemas sociais invisibilizados.





Vendo aquela chuva cair, me perguntei sobre o que faria o papel dela e poderia regar as raízes de cada mulher lésbica, bissexual, travesti ou trans que sofre com a seca de uma cultura que ainda nos persegue apenas por existirmos.



Acho que a insistência da chuva em hidratar os galhos secos e cansados pode ser análoga a luta dos movimentos sociais, coletivos e organizações que não perecem mesmo diante da dura realidade.

Inclusive, a própria existência dos órgãos oficiais que defendem os direitos LGBTQ+ na cidade, ocorreu diante de muita pressão e luta dos movimentos locais.

No âmbito municipal, não há um órgão executivo como a Subsecretaria e o Conselho Estadual LGBT. No Dia Mundial da Luta contra a LGBTfobia de 2024, movimentos sociais discutiram em uma audiência pública na Câmara, proposta pela única vereadora mulher em mandato, Luiza Ribeiro, sobre a importância da criação de um Conselho Municipal LGBT.



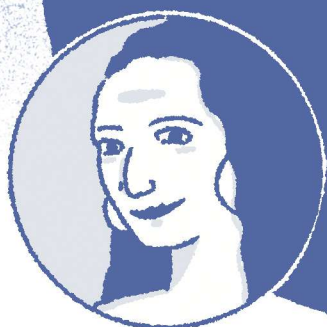
Esse não é um debate novo: a criação de um órgão municipal que represente e defenda os direitos dos LGBT+ em Campo Grande já é debatido há pelo menos dez anos, sendo que na última vez, em 2018, foi arquivado pelo então prefeito Marquinhos Trad.

O que existe, por enquanto - e por muita pressão dos movimentos sociais da cidade - é a Coordenadoria de Políticas e Assuntos para Diversidade Sexual LGBT que funcionava dentro da Subsecretaria de Direitos Humanos. A Subsecretaria foi extinta pela atual prefeita, Adriane Lopes, e anexada à Secretaria Municipal de Assistência Social e Cidadania.

Conversei com a Cris Stefanny, um dos ícones do movimento LGBT da cidade e também primeira mulher trans a ocupar um cargo no executivo municipal. Ela era coordenadora de Políticas e Assuntos para Diversidade Sexual - LGBT no município de Campo Grande e relatou as vitórias e dificuldades de abordar a temática no poder público municipal.



Temos obtido várias conquistas com a criação da Coordenadoria Municipal LGBT+, como Lei Municipal de Nome Social, ambulatório do processo transexualizador, vagas em unidade terapêutica para LGBT em situação de álcool e drogas.



Acredito que minha articulação política, empenho e minha forma sincera fez com que Marquinhos e a Prefeita Adriane me mantivessem no cargo. Diria que por competência mesmo, já que não tenho vínculos partidários apesar de pensar de forma socialista/progressista.

Mas tem alguns obstáculos, como a pressão neopentecostal para que a gestão não implemente nada da pauta LGBTQIAPN.

Por exemplo: travando a criação do Conselho Municipal LGBT e inserção da Parada da Cidadania LGBT e Show da Diversidade no calendário municipal de cultura.

Eles ficam pressionando o executivo estadual e municipal para não andar com as políticas afirmativas LGBT.

CRIS STEFANNY

FUNDADORA DA ATMS E DA PARADA LGBT DE CG(MS)

Nossa luta agora é contra o fundamentalismo religioso e contra a ameaça de uma nova inquisição, contra aos retrocessos que ameaçam a democracia e a laicidade do estado democrático de direito no Brasil.



Infelizmente, minha opinião é de que os movimentos gay e lésbico em Campo Grande ainda são fracos do ponto de vista de organização política... por outro lado, são fortes no setor da arte, cultura, outros campos, não da militância em si.

A ATMS (Associação das Travestis e Transexuais do Mato Grosso do Sul) é a primeira instituição LGBT do estado e esteve na linha de frente de muitas das lutas por todas as leis, decretos, ganhos sociais e órgãos hoje existentes.

Creio que as necessidades nos fortalecem e, por isso, nós trans/travestis somos pioneiras neste movimento no MS.

A stylized illustration of a tree with a thick, gnarled trunk and a dense, dark canopy. Rain is depicted as numerous white diagonal lines falling across the entire scene. The background is a light, textured grey.

A ATMS foi fundada em 2001 em Campo Grande. A Cris Stefanny foi fundadora da Associação e da Parada da Cidadania LGBT, que também acontece em Campo Grande desde 2001.

Tanto a Parada, quanto a Associação são marcos do movimento na cidade e peças importantes de uma história que começou pouco antes dessa época.

Nos anos 1990, o movimento LGBT em Campo Grande organizava-se, principalmente, em torno de centros de pesquisa e institutos que realizavam um trabalho focado na prevenção da saúde sexual. Nos anos 2000, alguns coletivos passaram a se articular em âmbito regional e nacional.

Além dessas linhas de atuação, a noite campograndense é, e sempre foi ocupada pela população LGBT, que também se organiza como agente de manifestações culturais. O primeiro bar abertamente LGBT+ da cidade foi criado por uma mulher lésbica, Márcia Zen, e reunia, principalmente, mulheres bissexuais e lésbicas que se encontravam e confraternizavam. Com o tempo, o local também se tornou um espaço político.

Dentro de todos os contextos, político e cultural, as mulheres LBT sempre foram linha de frente nos movimentos da cidade. Conversando com algumas dessas mulheres, como a Cris Stefanny, a Cris Duarte, Edna Bordon Lopes e Nathália Ziolkowski, foi possível ter uma noção sobre o surgimento e a atuação desses movimentos.



LINHA DO TEMPO DOS MOVIMENTOS COM ATUAÇÃO LBT EM CAMPO GRANDE

Fundação do Coletivo Bem Mulher

Fundação do Coletivo Somos Lés, coletivo de mulheres lésbicas de Campo Grande (MS)

Fundação da primeira Associação política LGBT+ do estado, a ATMS

Militantes e pesquisadoras se organizaram a partir do Instituto Brasileiro de Inovação Pró-Sociedade Saudável do Centro-Oeste (IBISS), atuando na linha de prevenção de ISTs para mulheres lésbicas, bi e trans

ANOS 80

1994

Projeto Eros- também atuava na linha de prevenção de ISTs e educação sexual

2001

Primeira Parada do Orgulho e Cidadania LGBT+

2004

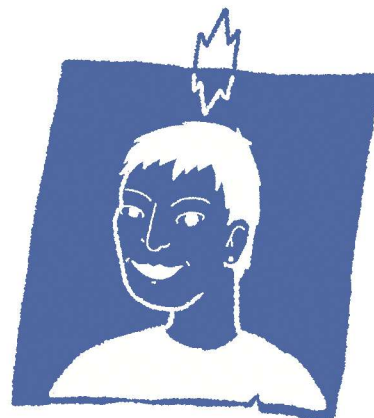
O Mescla (Movimento de Estudo de Sexualidade, Cultura, Liberdade e Ativismo de Mato Grosso do Sul) passa a ser mobilizado

2018

Fundação da Casa Satine

Tanto a Casa Satine, quanto o Mescla e o IBISS se tratam de movimentos que não foram fundados diretamente por mulheres LBTs, mas trabalham/trabalharam diretamente na defesa dos interesses dessa população.

No caso da Casa Satine, a ONG funciona até os dias de hoje, oferecendo suporte jurídico e psicológico, apoios de solidariedade e promovendo atividades culturais, tudo isso voltado ao público LGBTQIAPN+.



O nome homenageia Satine Rodrigues, pesquisadora e militante pelos direitos das pessoas LGBTQ+ que faleceu em 2013.

O projeto surgiu num contexto de pensar uma casa de abrigo, pensando mais na população trans que é a população que acaba sendo mais expulsa de casa, né? Mais do que mulheres e homens cisgêneros, lésbicas ou gays ou pessoas cis bissexuais.

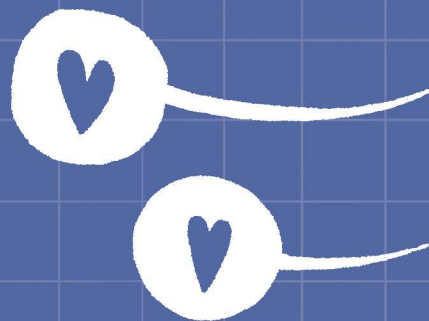


Mas a casa acabou não concretizando fisicamente por conta de uma série de coisas que a gente foi entendendo ao longo do processo.

KARLA MELO

CIENTISTA SOCIAL
COORDENADORA DA CASA SATINE

Mas como a gente conseguiu mobilizar uma quantidade muito bacana de voluntários que queriam ajudar e trabalhar, pensamos em começar uma ação de alguma forma e aí o start se deu mesmo pela Clínica social.



A gente foi pensando nessa atuação da Clínica social e depois fomos criando outras frentes de trabalho: uma frente na parte da Educação, uma da parte jurídica, aí por último veio a parte cultural.

Ano passado, em 2024, realizamos eventos que foram momentos mais voltados para nós, né? Para falar sobre o que é ser mulher e das agressões que nos atravessam para além da questão da LGBTfobia, mas também enquanto mulheres do movimento – que ainda silencia muito as nossas vozes e passa por cima das nossas dores.



Acho que nossa trajetória é marcada por isso, pelo fato de que nós, estamos em atuação, atualmente, na Casa Satine, fazendo a crítica social e construindo enquanto movimento político, principalmente nos espaços de diálogo estaduais, né? Já que no Municipal a gente ainda tem uma dificuldade.

REBECA POMPILIO

PSICÓLOGA, COORDENADORA
ADJUNTA DA ALIANÇA NACIONAL
LGBT E VOLUNTÁRIA
NA CASA SATINE

Esses diálogos proporcionados pela organização política são muito importantes.

Por exemplo: a partir da construção coletivo e diálogos com profissionais da psiquiatria* que estavam interessados em atuar junto à população LGBT e que atuam na saúde pública, contribuí e dei algumas sugestões para um ambulatório voltado para atendimento ao público LGBT+ daqui de Campo Grande.

⚡ Iago Davanço Nogueira é o psiquiatra responsável pelos atendimentos e coordenação do SEGÊ e me explicou que

O Segê é voltado para o público LGBT, justamente para ter um local mais específico, livre de preconceito, que consiga acolher melhor essa população.



Ele abriu em 2024, se chama SEGÊ, o Ambulatório de Sexualidade de Gênero e acho que conseguiram incorporar bastante coisa que contribuímos. A Casa Satine também está autorizada a fazer encaminhamentos para lá.

Além dos atendimentos, o Ambulatório promove também ações de formação para profissionais da área da saúde, voltado a orientação sobre atendimento ao público LGBT.

Para fazer a triagem no Segê é necessário ser maior de 18 anos, LGBT+ e enviar um e-mail para ambulatoriosege@gmail.com

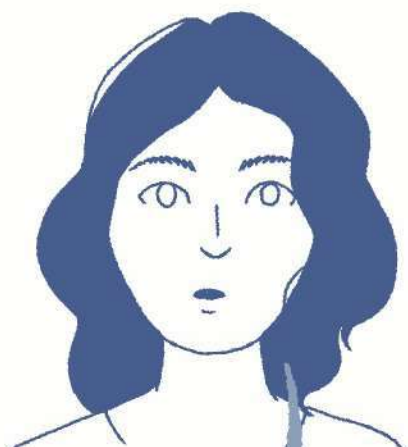
Então, por mais que agora não tenhamos voluntários na psiquiatria, conseguimos encaminhar pacientes que já estavam em atendimento psicológico para o SEGÊ para conseguir apoio psiquiátrico com atendimento para pessoas LGBTQIAPN+.



Rebeca Pompílio



O ambulatório funciona dentro do CEM (Centro de Especialidades Médicas) e está com vagas abertas.



Marina Duarte



Obrigada, Rebeca. Vou inserir as informações sobre o Segê também!

Meninas, quais são as análises que vocês fazer sobre o movimento LGBTQ aqui em Campo Grande?

Qual que é a impressão de vocês sobre isso hoje em dia e também ao longo da história de vocês atuando no movimento dentro do município?

Bem...



Karla Melo



A gente sabe de vários movimentos que existem em todas as secretarias municipais de dificultar o acesso, sabemos da maneira como se escolhe lidar com o nosso público, enfim, movimentos que nos afastam de serviços, do próprio poder.



Karla Melo

Isso ocorre de forma bem velada, não são ações que sejam declaradamente contrárias a nós, mas a gente dialoga com as pessoas no dia a dia a gente dialoga com as pessoas que estão na ponta e entende que isso é sim dificultado, sabe?

Tem muita luta pela frente no contexto da cidade.

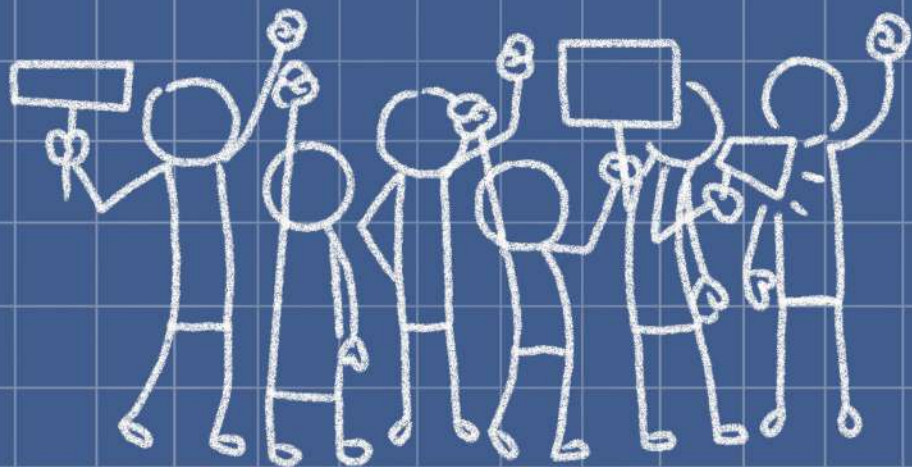
E a realidade atual do movimento aqui na cidade é complexa. Conforme a gente caminha nele, vai percebendo que tem muita política que é só "pra inglês ver".



Em termos de movimento, acho que a Parada LGBT reflete bastante como a cultura em torno da pauta funciona. Esse ano vai ser o terceiro ano que eu estou à frente da Parada.

Observando como tudo se dá, vejo que é um espaço que acaba sendo construído - e até disputado - por coletivos e instituições, claro, mas também por candidaturas políticas.

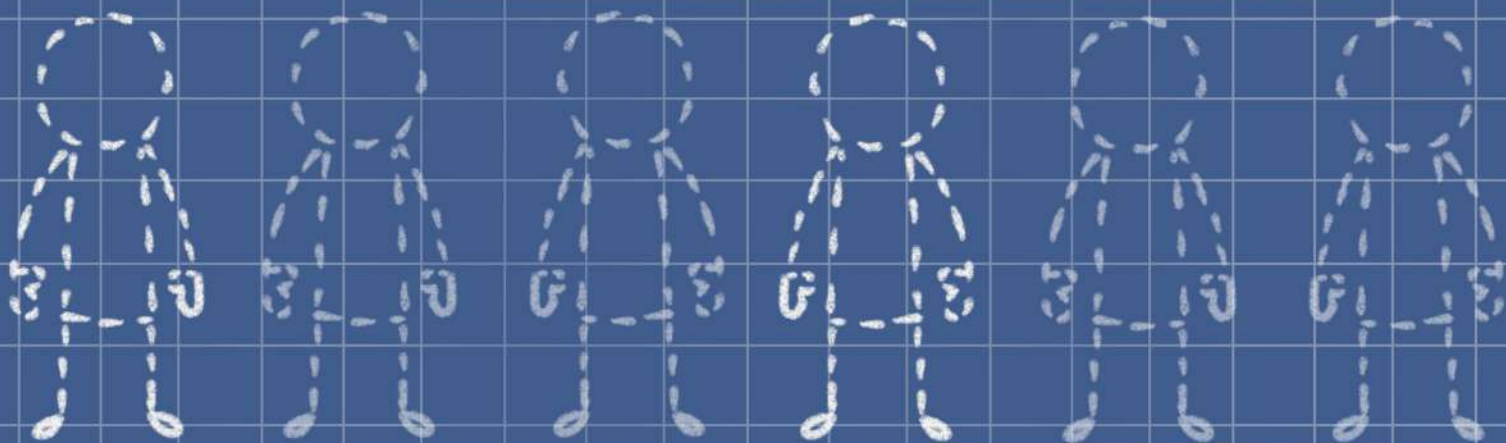
E um diálogo que acho necessário é da gente pensar em candidatos e candidatas que sejam realmente engajados com a pauta.



Dentro de uma realidade como a nossa, com uma realidade de política institucional que estabelece discursos contrários a nossa população, precisamos nos preocupar com isso.

Uma reflexão que faço é que não basta ser LGBT.

Precisamos estar atentos aos personagens que se valem da pauta para engajar, angariar votos e não aliam sua identidade a uma ação em prol de nosso coletivo.



No caso das mulheres LBT, estamos bem presentes na construção política, mas nem sempre evidenciadas.

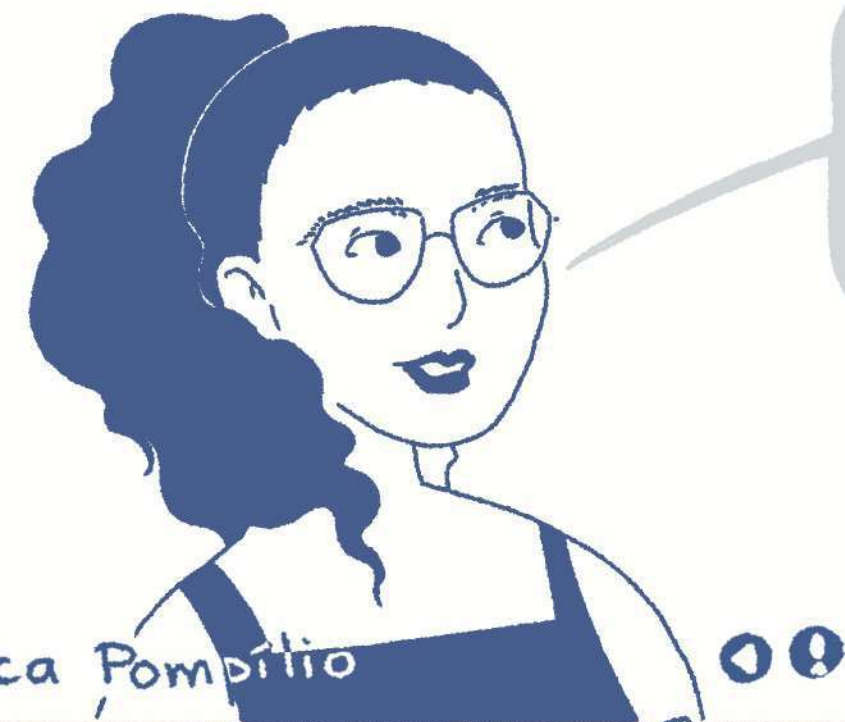
Sofremos também uma certa invisibilização mesmo dentro da sigla, né?

Mas precisamos também construir politicamente. Fazer nossa parte, nos engajar de certa forma e buscar soluções coletivas para contribuir nessa luta.

Pensar: o que posso fazer, dentro da minha possibilidade, para contribuir com a mudança dessa realidade?

Uma das questões de termos um movimento social menos ativo na cidade é que precisamos de pessoas para fazer isso.

Como podemos fazer a nossa parte e mostrar nossa voz?



33% SÃO CÍSGÊNERO E HETEROSSEXUAIS

Eu faço minha parte através da participação nos movimentos que consigo e também do voluntariado na área da psicologia.

A vulnerabilidade que enfrentamos acende ainda mais essa necessidade do suporte psicológico.



JOVENS LGBTQI+ TEM 2X MAIS ANSIEDADE e DEPRESSÃO

* ESTUDO CONDUZIDO PELO HCPA (RS, 2021).

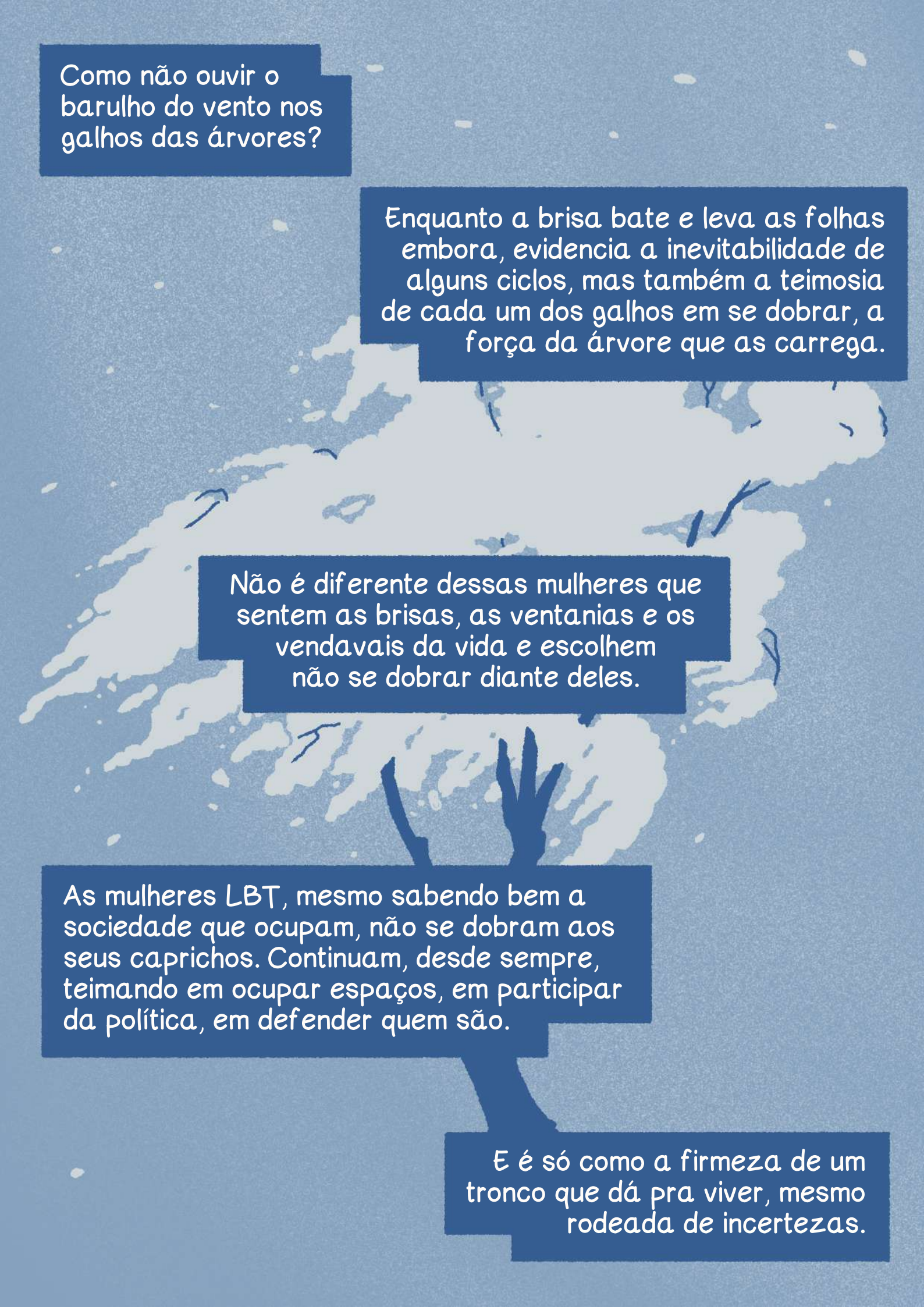
Obrigada, Rebeca.

Obrigada, Karla.

Agradeço pelo tempo de vocês. Vou mandando notícias sobre o material.

Obrigada você!
Até mais!





Como não ouvir o
barulho do vento nos
galhos das árvores?

Enquanto a brisa bate e leva as folhas
embora, evidencia a inevitabilidade de
alguns ciclos, mas também a teimosia
de cada um dos galhos em se dobrar, a
força da árvore que as carrega.

Não é diferente dessas mulheres que
sentem as brisas, as ventanias e os
vendavais da vida e escolhem
não se dobrar diante deles.

As mulheres LBT, mesmo sabendo bem a
sociedade que ocupam, não se dobram aos
seus caprichos. Continuam, desde sempre,
teimando em ocupar espaços, em participar
da política, em defender quem são.

E é só como a firmeza de um
tronco que dá pra viver, mesmo
rodeada de incertezas.

A última entrevista vai ser num evento de arte preta em que uma amiga está expondo. Ela representa bem essa analogia com a árvore:

uma artista, ativista e trans que, desde que assumiu sua identidade, nunca deixou ninguém mais tentar dobrar quem ela é.



A Loren é uma mulher livre, que ocupa a cidade com sua arte e, mesmo enfrentando diversos obstáculos, não deixa de se colocar no mundo.

**LOREN
BERLIN**

ARTISTA, PERFORMER
E ATIVISTA



Na minha infância já aprendi a ser livre.

Minha mãe sempre andou pela cidade, ela ia trabalhar de manicure no centro e eu ia com ela lá pelos meus 4, 5 anos.

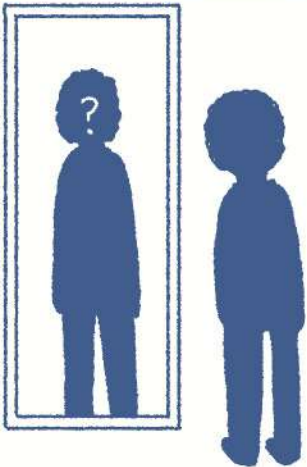
Ali já acostumei e já gostei de ser andarilha. Vou onde quero, seja à pé ou com a minha bicicleta.

Minha infância foi muito boa, livre.. eu até postei no instagram uma vez, você viu? Eu com as roupinhas parecidas com as que uso agora.



Mas isso mudou na adolescência.

Fui adolescente nos anos 90 e, nessa época, minha família trouxe a igreja pra dentro de casa. Eles eram muito evangélicos, batistas e submetiam a mim e minha irmã a estar nos espaços da igreja. Mesmo que na marra.

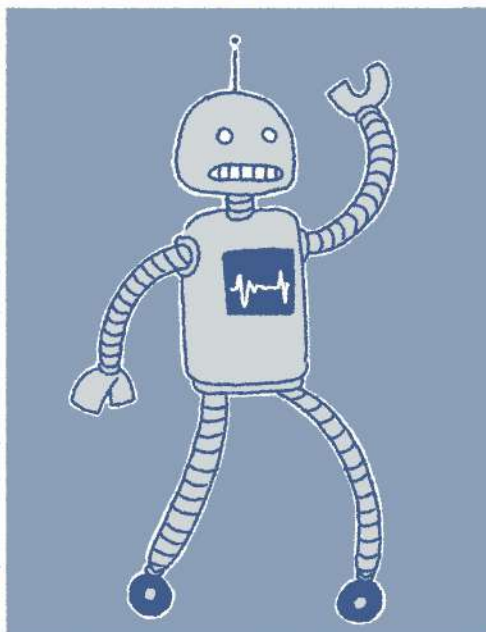


Sofri na adolescência não foi nem com a homofobia. Foi que eu não consegui despertar minha identidade antes, pois era algo que só existia entre quatro paredes e, no mundo de fora, na escola, eu era a dita “boneca de armário”: um homem hetero de fachada.

Eu sinto hoje que tive uma adolescência encarcerada, infelizmente, não fui capaz de assumir essa identidade. Eu chamo ela de uma adolescência perdida: ficava só em casa, com medo, me odiava.



Na rua, eu me sentia como um robô. Meu eu verdadeiro estava escondido e eu agia de maneira ensaiada, travada, robótica.



E nessa época, eram pouquíssimos que saíam do armário, você saía na rua e não é como a gente vê hoje: não tinha diversidade.

Era uma época reacionária, a década da heteronormatividade pura, da branquitude pura.

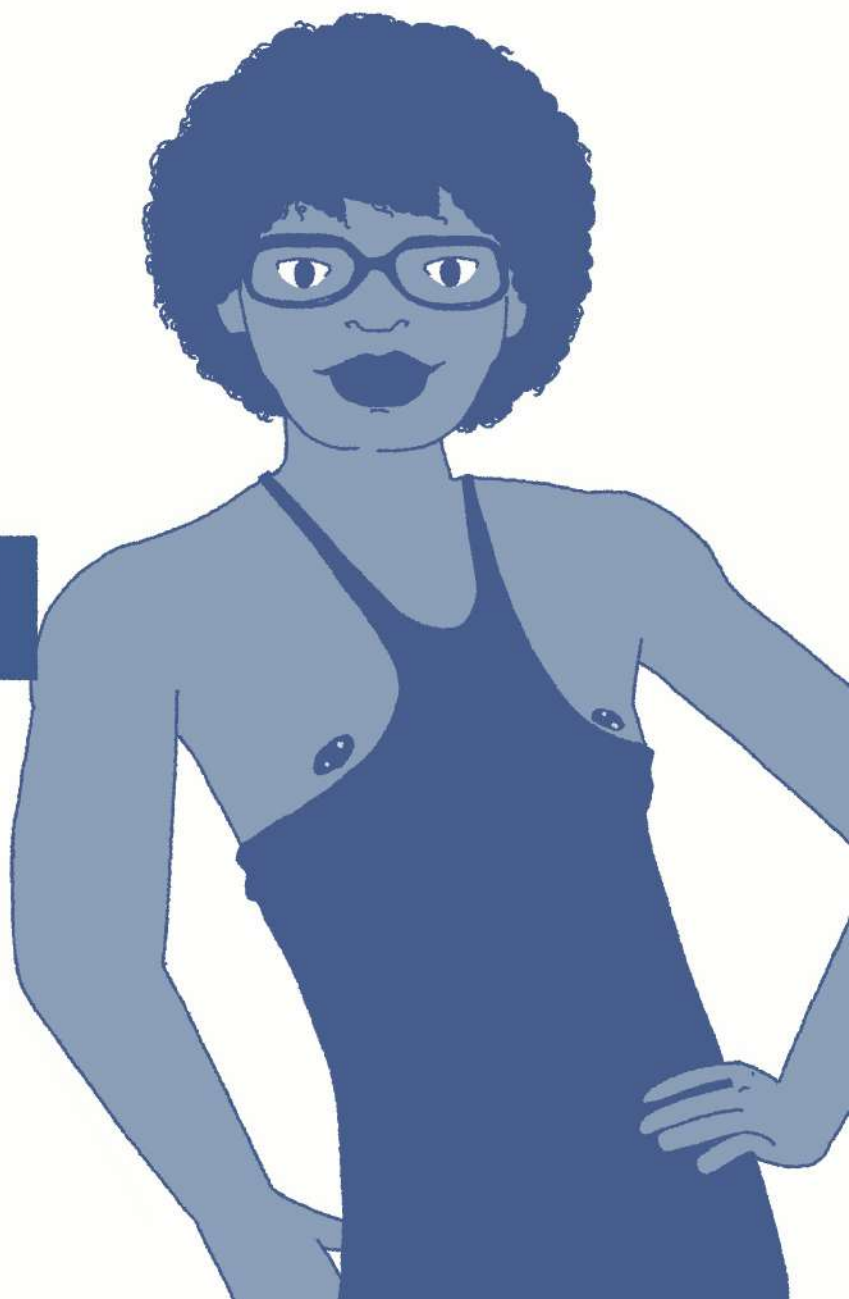
Aí vieram os anos 2000, tive uns problemas na hora de fazer vestibular, não consegui prestar e decidi me tornar catadora de material reciclável. Fui pra rua, catar latinhas.

E as ruas me desalienaram.

Comecei a me soltar aos poucos, a ser cada vez mais eu. Eu fiquei uns anos catando à noite e, durante o dia, ia para a biblioteca do Horto e ficava lendo, desenhando. Comecei aos poucos a assumir uma androginia e a libertar minha essência.

Me descobri e me assumi mesmo em 2005.

Mas foram uns quatro anos de processo... os textos filosóficos que eu lia mexeram comigo, fizeram entrar em contato comigo. Foi um processo lento, mas depois dele, fiquei fora das ruas.



Me aproximei da política, dos movimentos, entrei até na política partidária. Eu até fiz campanha pra primeira candidatura da Cris Stefanny, acredita? Andava à pé na periferia toda fazendo campanha.

Em 2008 entrei num partido de esquerda.

Eu lembro!!



É verdade. Foi quando a gente se conheceu. Eu lembro de você lá na construção dos movimentos, dos protestos.

Minha época no partido foi muito rica em termos de formação política e participação dos movimentos. Mas lá em 2013 foi muito intenso, presenciar a direita engolindo as organizações políticas engolindo a esquerda... eu senti que perdemos uma oportunidade ali. Eu me afastei da política organizada ali também.

Eu sou portadora da
solidude, né?

Eu saio sozinha. Eu consigo
a partir da solidude ter
liberdade para viver meus
rituais, minha identidade,
minha sexualidade.

Eu faço minhas artes, minhas
roupas, minhas
performances... não quero
saber de idade, quero
continuar vivendo minha
solidude e arte até a velhice.
Faço questão de estar
inserida nos espaços LGBT
de hoje em dia e continuar
me colocando nos espaços.

Não vou mudar. Não vou desistir de ser eu.



A minha existência é uma militância.

